

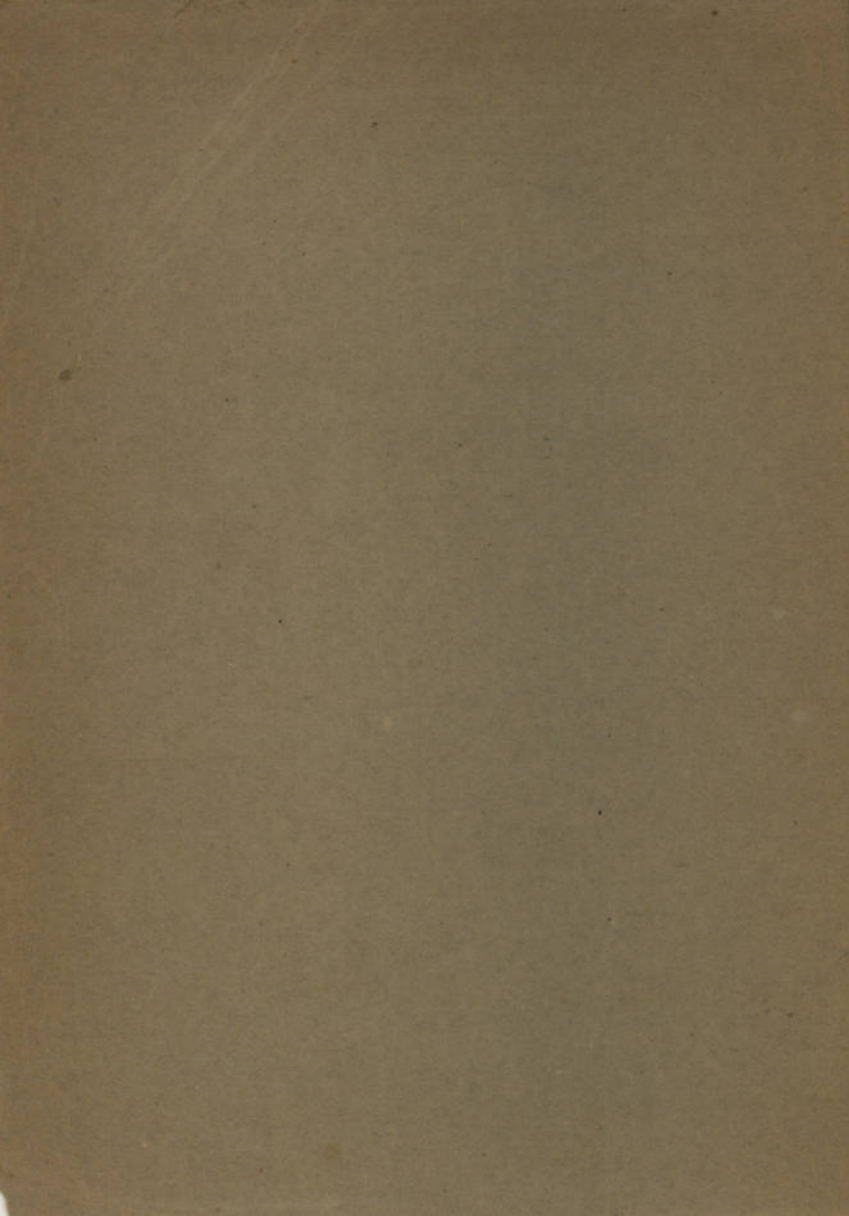
TEIXEIRA DE PASCOAES

A BEIRA

NUM RELAMPAGO

58

EDIÇÃO DA
«RENASÇENÇA PORTUGUESA»
PORTO





Direitos reservados

A BEIRA NUM RELAMPAGO

DO AUTOR

- Sempre — 1897
Terra Prohibida — 1897
Sempre (2.ª edição) — 1902
Jesus e Pan — 1903
Para a Luz — 1904
Vida Etherea — 1906
As Sombras — 1907
Senhora da Noite — 1909
Marános — 1911
Regresso ao Paraíso — 1912
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo — 1912
O Doido e a Morte — 1913
Elegias — 1913
O Genio Português — 1913
Verbo Escuro — 1914
Era Lusitana — 1914
Sempre (3.ª edição) — 1915
Arte de ser Português — 1915
Miss Cavell (fóra do mercado) — 1915.

TEIXEIRA DE PASCOES

A BEIRA NUM RELAMPAGO



EDIÇÃO DA
«RENASÇENÇA PORTUGUESA»
PORTO

OFFERTA

321890

8

↓
85898

A BEIRA
NUM REL. AMIA GO

H 951622

I

VIAJAR em auto é correr mundo a cavalo n'um relampago.

Cousas, pessoas, paisagens, vilas, logarejos, passam por nós, n'uma tal velocidade, que as impressões recebidas continuam em nossa memoria a sua doida cavalgada, n'uma confusão turbilhonante. A distancia que as separa e lhes dá perspectiva, é eliminada pelo movimento que as anima; e as suas aparencias quasi se fundem n'um todo cahotico e disparatado, que é a fonte caricatural da moderna pintura futurista.

A visão vagarosa demora-se de mais no vulto corporeo das cousas, no fisionomico recorte que as define e individualisa; é uma visão materialista, de analyse, consagrando esta ou aquela forma, isolando-as n'uma especie de egoismo pessoal.

A realidade panoramica do mundo é uma função da nossa velocidade. A mesma paisagem tem varias fisionomias, conforme se mostra ao cavaleiro, ao automobilista, etc. Á paisagem extatica do peão, á paisagem vagarosa ainda da liteira e da diligencia, sucedeu a paisagem veloz do *chauffeur*, a paisagem-relampago que deslumbra e foge . . . E assim, á pintura inerte e definida, ás tintas extaticas, suave ou, antes, morosamente nuançadas, sucede a pintura dinamica, em esbôço, de tons violentos que se misturam e correm. Eis porque a pintura futurista, quebrando a velha harmonia das cousas, nos parece absurda e nos offende.

Mas como não gosto de maguar o leitor; e levado por esta cobardia sociavel que nos faz acatar o estabelecido, procurarei traduzir, em velha linguagem de liteira, um vertiginoso e futurista passeio de automovel, desde a minha casa sobre o Tamega á antiga casa do Mosteiro, nos arredores de Arganil.

No dia 15 de Agosto de 1915, ás duas horas da madrugada, já o meu amigo José Vahia, bacharel formado em leis e velocidades, lendo nos artigos do código como nas peças d'um motôr, desembraiava o seu belo Fraschini que logo arremeteu contra a Distancia, erguendo nuvens de poeira, roncando e dardejando fogo com os olhos sobre a estrada.

É a antiga estrada do Douro que arrasta, trôpega e toda em curvas, a sua ingreme velhice desde Amarante até aos Padrões da Teixeira; e d'ali, já cansada de subir, se precipita, coleando, sobre a pequena vila de Mezão-Frio, indo acabar na Regoa os seus trabalhos: duros trabalhos de ser pisada.

Ninguém conhece melhor do que ela a pé-gada do homem, o signal, a ideia que fica de nós na terra... Na sua poeira, quasi sepulcral,

jazem pégadas desfeitas, presenças mortas, que passaram.

Por isso, eu vejo comovido a antiga estrada do Douro surgindo branca e sinuosa da penumbra. Como ela desenha o nosso rumo! É o grafico da nossa liberdade em movimento, d'este desejo alvoraçado e pantheista de vêr novas paisagens, que é uma forma alegre, exterior, cheia de sol, do sentimento obscuro que temos da nossa ascendencia cósmica e remota.

E o automovel é um dos narcoticos do tedio; pois náda como ele nos afasta dos outros, das apparencias brutas que férem, cujo contacto, embora ligeiro, nos deixa a sensibilidade a escorrer sangue.

Contente, eu abenço a velha estrada do Douro, já livre da sua condição urbana, escura, suja e pedregosa.

Ei-la, emfim, á nossa frente, branquejando fugas rapidas na sombra; e as arvores das margens, sob o clarão dos faróes, passam por nós fugindo, dando-se as mãos, como n'um phantastico bailado.

Às vezes, corre entre duas trincheiras abertas em saibro de monte, lá, no alto, marulhante de pinhaes; ou, supportada por duas parêdes, galga uma depressão do terreno, para deslizar atravez de campos de arvores que amparam as vides com dolorosos braços decepados. São arvores a que amputaram a sombra, sacrificadas ao espirito da Alegria e da Fartura.

O unico aspecto dramatico do Minho está nas suas arvores nodosas e constrangidas pelo gume da fouce que as apara e afeiçoa á egoista comodidade das videiras.

Quando o inverno lhes despe as folhas, lembram rondas negras de esqueletos, riscando, ao longo das veigas, misteriosos e funebres desenhos: ieroglificos que a morte pinta no papyrus da nossa memoria, o mais antigo papyrus que ha escrito, onde apareceu a primeira narrativa dos Deuses, dos Heroes e do Diluvio...

Mas, no Agôsto, a verdura dos pampanos veste o esqueletico das ramagens; e, para além da poeira e da luz que envolvem o auto, a propria noite parece vagamente enverdecida.

Padronêlo já ficou atraz. Sumiu-se n'uma

correria doida de casas, libertas da inercia por uma ilusão dos nossos olhos. Redentora ilusão! E a livre actividade moral não terá uma origem semelhante? Não será ela o nosso espirito phantasticamente pôsto em movimento, quando Deus passa atravez d'ele?

O auto offegante, poeirento, espirrando jactos de luz que rasgam a sombra nocturna, galga a ingreme subida que leva ao alto dos Padrões.

Á nossa esquerda, lá no fundo, deslisa, contorcido entre calhaus, um pequeno ribeiro que mana dos flancos do Marão, como sangue duma ferida abeta; e sobre a nossa direita, despeham-se, em rapido declive arborisado, as vertentes da Abobreira. Aqui, é a Revoreda, nome que sôa a arvores batidas do vento. E, na verdade, toda a encosta é uma rumorosa noite de velhos castanheiros.

De quando em quando, á beira da estrada, um casebre de camponez assemelha um tósco monumento erigido á presença da penuria e do trabalho. Mas todas as cousas consumidas na sombra, apenas deixam entrever seus vultos in-

decisos, que a luz crua dos faróes materialisa intensamente na passagem. E vêmos sempre as arvores distantes correndo para nós, como phantasmas que revivem sob a projecção subita da luz, e logo se desfazem na treva.

O resto é a noite escura das horas mortas, enchendo de negrume os recantos e os bócios do vale profundo, e diluindo-se em tenues claridades nos altos pincaros dominantes, coroados de estrelas e desnudos.

O automovel sóbe roncando a velha estrada, no meio d'uma procissão vertiginosa de phantasmas que, por fim, desaparece, quando as encostas ferteis se transmudam na ondulação harmoniosa e nua, em que principiam a definir-se as primeiras altitudes do Marão.

O incendio do dia extinto ha muito, fumaça ainda de todas as partes do horizonte, e as estrelas lembram as ultimas faúlas subindo, subindo, inextinguíveis. . .

O grande silencio já serrano que nos envolve, cortado de estridencias de engrenagem

e agudos ruidos de alarme, causa-me remorsos negros de sacrilego. Sinto o peccado da alma, essa luz prostituida, offendendo as cousas solemnes e graves da Natureza, entre as quaes se destaca o misterioso silencio das alturas, que é já a voz de Deus a ouvir-se.

A alma sacrifica tudo aos seus delirios, sorrindo á tristeza universal, a divina ironia de que descende. É o riso que tem a Morte para as cousas imortaes. É o riso da sua vingança . . .

Um ar puro, penetrante e vivo de scintilações astraes, fustigou-me a fronte, desanuvian-do-a; senti a resistencia fugidia das suas ondas sem humidade nem adherencia; cingindo-me n'um contacto irreal. . .

Acordei do somno tórvo do vale profundo que subia rapidamente á nossa esquerda, já inculto.

Os cêrros pareciam afundar-se nas trevas, e o dôrso declivoso da montanha, aplanava e afastava o recorte escuro do horizonte, moribundo perfil scintilando gélidos suores. No levante, um pincaro muito negro, sob uma estrela muito clara, é a Senhora da Serra e a sua

Ermida. Ali divaga o espectro de Maranos e a Saudade . . .

De repente, abre-se, diante de nós, um grande espaço vazio. O Marão sumiu-se, por encanto, n'um largo abysmo, cujas bordas remotas se esfumavam em sombra e neblina: a paisagem do Douro aparecendo, indefinida e sem relêvo, n'uma vasta indecisão nocturna. Dir-se-hia que só debaixo do nosso carro havia terra firme; de resto, para todos os lados, um vacuo enorme e negro, onde caía a luz dos astros, como gotas de fogo n'uma bocca monstruosa de sombra.

«Estamos nos Padrões. Lá em baixo é Meção-Frio. Repare naquelas luzes.»

Era o Pedro de Macedo, senhor que foi d'um automovel e grande enamorado da Velocidade e da Paisagem.

«—Sim. Estamos no alto da Serra», confirmou o Alvaro, procurando com os olhos, no ar, imaginarias revoadas de perdizes.

Mas tudo foi a instantanea e nublosa aparição d'uma altitude, erguendo-se da imensa escuridade circular . . .

III

O AUTO descia, cauteloso das rapidas curvas, para as margens do Douro. Dois fócios de luz atarantando a sombra, ruidos de ferro no silencio, nuvens de poeira sujando a noite, escuras formas que perpassam, doidas da nossa velocidade, êrmos cumes serranos elevando-se e estreitando, de novo, o horizonte; e, em nós, o intimo e vago sobresalto de quem regula e dirige o seu rapido deslizar sobre um abysmo . . .

E ei-lo que se estende, á nossa frente, mordido, aqui e além, de solitarias luzes amarelas. As mais longinquas parecem brilhar em pleno ceu, porque, na distancia, a terra e o éther se identificam n'uma só nodoa escura e fluida.

Atingimos o vale extenso, o fundo verde e fertil do abysmo.

As primeiras casas de Mezão-Frio branquejam e passam por nós, como que tremendo nos seus alicerces e quebrando a recludão perpendicular das suas esquinas. Uma pintura de terremoto afflige a pequena vila, em cujo seio aruado entramos, roncando estridulos alarmes, fulgindo claridades que se espraíam no lageo chão desgosto.

Aqui, um grupo de noctívagos debanda em desordem e fica envolto em poeira; e, logo, um rebanho de cabras tresmalha e segue, correndo, em varias direcções.

E eu pensei no mêdo que as assaltou, curioso de surpreender-lhe a intima expressão, o estranho aspecto que ele deve adquirir na alma primitiva das cabras. Talvez um mêdo helenico aos monstros fabulosos, talvez um mêdo hebraico ás nuvens lampejantes que ribombam. E julguei advinhar, na sombra d'aquelas almas em tropel, o vago alvorecer d'um novo mytho.

Um simpatico impulso de bondade trava o carro fraterno e condoido dos pobres animaes, que o mêdo soturnamente deslumbrára.

Aproveitei o instante de repouso, em que

tudo retomou a sua imobil attitude, para melhor prescrutar o panorama circundante, quasi escondido por detraz do vulto phantastico da treva.

Perderam a sua monotona continuidade as casas de Mezão-Frio, somnolentas e amarelas de pequenos fócios electricos, chorando silencio e palidez sobre a noite morta. Eram lagrimas de luz doente, irmanando a electricidade ao petroleo e ao azeite das velhas lampadas que suspiravam anichadas n'um escuro arco medieval.

É que a luz electrica só brilha livremente ao longo das belas e airosas avenidas, onde a alvura nova dos edificios refulge e intensifica os reverberos, que se combinam e alegram no ar desassombrado. Mas no seio d'uma rua estreita, de côres sombrias e sujas, o fóco electrico entristece, nostalgico do seu meio proprio, e é bem difficil distinguí-lo d'aqueles pirilampos amarelos que, nas êrmas esquinas, parecem condensar, n'uma gota de luz tuberculosa, o incolor, o tedio, a inação de que é feita a vida dos pequenos centros urbanos.

Grandes arvores, velhos muros, põem, agora, entre os ultimos edificios de Mezão-Frio, espa-

ços de verdura e pedra. Aqui, um antigo solar brazonado e enegrecido, realça um proximo chalet côm de rosa e alegre do seu conforto material; emquanto que o velho edificio musgoso, com pingas de chuva nas êrmas salas, pelo inverno, parece que todo ele se concentra, maguado, no antigo escudo sobre a porta,—hieroglifica narração de heroicos feitos, mortos simbolos de pedra abandonados á voracidade dos lichens.

O Portugal moderno é tambem um *chalet* construido, com dinheiro do Brazil, sobre as ruinas d'um castelo, á beira-mar...

E sentindo na alma o abandono em que jaz o velho pardieiro esquecido, continuamos a correr para as margens do Douro.

—E a casa de José d'Alpoim?— perguntei.

—Deve ficar para este lado,—respondeu-me o Pedro de Macedo, mosrando a margem esquerda da estrada.

Mas quem vae com uma luz nas trevas, nada vê além dum pequeno espaço que se ilumina e cerca d'uma barreira de sombra impenetravel.

Não consegui entrevêr o venerando e veneravel solar do Escritor. Tive pena.

A estrada coleia dolorosa e cascalhenta. De vez em quando, como arrependida da viagem, parece querer voltar repentinamente para traz. Subito, estaca o automovel. Estremecendo e rangendo, recua e envolve-se na propria poeira do seu odio, ao vêr-se trahido pela estrada que lhe foge e o tenta cuspir do dôrso.

Mas a pericia do chauffeur consegue vencer estas manhas de estrada velha e retrograda, que vê no auto um jacobino usurpador dos classicos direitos

Da mala-posta a rir, cheia de campainhas. . .

Continuamos a correr para o Douro. O rio celebre aproxima-se. Toda a paisagem principia a falar dele, n'uma voz soturna, voz escura de sombras que se acumulam á nossa frente, esboçando os ingremes outeiros da outra margem.

Um trôpego carro de bois, cheio de pêso e somno, surdo aos bérros da sirene, obriga-nos a parar, de novo.

Olho sobre a direita, onde a encosta do vale se espraia n'uma indecisão verde-escura, com raras nodoas brancas. D'aqueles lados abysmaticos, vem um murmurio estertoroso, alto relêvo espectral que adquire, de noite, o silencio das aguas fundas.

É o rio proximo, entrevisto nas trevas, completando-se phantasticamente. É o Douro afflicto n'um pesadêlo barrento e amarelo, em que se vê estrangulado pelas margens. Ah! como elas sobem, com grande esforço, n'um suor frio de fontes, desenhando, em nocturnos traços de carvão, as altissimas encostas do enorme e estranho Valle, essa ruga mais profunda da velha paisagem lusitana, escoando para o mar as suas lagrimas.

D'este panorama surpreendente á luz do sol, desde a liquida angustia do rio, que escachôa entre remorsos de pedra, tocada, aqui e além, pela caricia branca d'uma vela, que é o interesse do homem angelisado, — aos velhos solares e velhas quintas alcandoradas sobre ingremes declives em degraus de verdura, invocando a imensa escadaria d'um grande santuario que,

lá no alto, eleva a sua desnuda e negra architectura montanhosa; — d'este panorama surpreendente á luz do sol, apenas vejo as suas largas linhas em esboços de penumbra, d'onde emana um vago e gélido terror, que é o proprio Rio entremostrando ao nosso imaginar a escura lividez dos pégos mortos, sincopes de abysmo em que gelam as aguas tórvas e profundas.

Um ronco da siréne, um férreo estremecimento, um rapido abálo para a frente que nos desequilibra de surprêza, e esta sublime paisagem, entrevista e sonhada, se pulverisa e desfaz em vôos de sombra que perpassam, formas ganhando azas em tão vertiginoso delirio, que as arvores e os montes turbilhonam, em volta de nós...

Seguimos ao longo do rio, atravez d'uma mistura movediça de cousas que se confundem e combinam em aspectos incoherentes, sob a imensa penumbra nocturna.

Cortamos a linha ferrea, ante a vigilancia do seu olho acêso e rubro, e logo a estação de Molêdo e uma rua com belos edificios, conti-

guos a jardins suspensos sobre o Douro que marca, no branquejar das areias e penedias, um traço lugubre de sombra.

A estação thermal appareceu-nos definida nas linhas architecturaes das suas casas, vencendo a noite a golpes de luz electrica sangrando, em cordão de lampadas, no ar.

A rua central alongava-se deante de nós. Raros transeuntes estremunhados animavam-na d'uma vida somnolenta, que esfrega os olhos e antecede o nascer do sol e o abrir das portas e janelas. Alguns cães sem dõno latiam heresias, ralhavam á tôrva e veloz divindade que os perturba, envolvendo-os n'um ruidoso relampago poeirento.

Depois, o êrmo dos campos e, ainda em nossos olhos, a trémula aparição d'uma vila silenciosa, de palpebras fechadas a quem passa.

Mas a fila de lampadas continuava, multiplicando indefinidamente as suas luzes, cravadas na escuridão nocturna, sobre a estrada.

E agora, que as arvores das duas margens entrelaçam os seus ramos em abobada, os fôcos electricos lembram religiosas lampadas sus-

penhas na penumbra mística d'um claustro. Julguei-me n'um dos meandros vivos e secretos d'um estranho e grandioso templo cósmico, o verdadeiro templo de Pan.

Quando findou o verde claustro constelado, em vez de encontrar um grande centro de igreja e lampadarios siderios alumando a infinita presença invisível de Deus, rasgaram, de subito, o meu sonho, com afiados gumes de esquina, as primeiras casas da Regoa, — a Regoa commercial e pitoresca dos armazens de *port-wine* e golpes de vista encantadores sobre a larga curva do rio, onde ele esconde o esqueleto e ganha transparencia e quietação. Ei-lo, por um momento, desassombrado das margens que se espraiam e parecem a propria agua do Douro immobilizada e fixada em viridentes pinturas de vinhedos...

É o que eu vejo, atravez do escuro, pelos olhos ao sol da minha lembrança.

Estes logares pertencem-me tambem. Fôram-me doados pela saudade.

Do outro lado do rio, lá onde a verde planicie marginal principia a elevar-se até ao Re-

logio do Sol e á pequena vila de Portêlo, existe, escondido entre arvores, o ignoto lugar de Rio Bom ou *Rio Bô*, talvez o mais ignoto lugar que tem o mundo.

Ali nasceu meu Avô paterno; e ali viveu largos annos de velhice um irmão d'ele que era padre: o snr. padre Joaquim de *Rio Bô*. Iam de minha casa visitá-lo todos os annos. Fui tambem, algumas vezes, durante a minha infancia, quando as cousas e as pessôas, em volta de nós, com um poder de insinuação extraordinario, se nos gravam no intimo da alma. E ali adquirem cada vez mais viço e graça, como se o nosso envelhecer fôsse apenas a nossa mocidade transmigrando para elas...

Recordo ainda a sua figura alta e sêca, denunciando a fôrça do homem que se inclina, vencida, por fim, como todas as fôrças, quer humanas, quer sobrehumanas.

Estou a vê-lo, na pequena capela de S. Roque, a dizer missa. Avulta-me, na lembrança, o escuro da sua batina e o degrau de pedra onde eu estava ajoelhado: duas frias imágens silenciosas, num ambiente crepuscular.

E vejo o Santo no seu andôr, feio e triste de figura, com um cajado na mão e um cacho de uvas translusindo a doçura d'aquela terra: piedosa máscara de castanho, hirta, pintada e sêca, aparecendo no meio sensível e penumbrático das velhas recordações. Ela compreende que perdura, em nitido relêvo de madeira, entre outras imagens esfumadas n'uma nodoa confusa de povo... E, por isso, ri na minha memoria.

E lembro-mo da procissão na tarde calma de Agosto e dos foguetes, mais longe, aflo-rando, em fogo e ruído, no crepusculo.

E lembro-me da velha casa de meu tio, cer-

cada de damasqueiros e figueiras que davam bêberas de mel, porque o paladar possui também o seu altar votivo, na Memoria.

E lembro-me de subir a Portêlo e visitar a antiga quinta da Corredoura, onde os meus olhos surpresos de creança viram a primeira lápide de mármore, erigida sôbre o túmulo dum cão. Percebi, n'esse instante revelador, que havia outras almas no mundo, além de nós: pobres almas que amam em quatro patas, quer dizer, com mais firmeza do que o homem.

Vive ali o meu querido amigo Francisco Perfeito de Magalhães, na companhia adorável da esposa, dos filhos e das flôres.

E lembro-me ainda de subir ao Santuário da Senhora dos Remédios e duma vasta amplidão brumosa deante de mim...

Mas quási todas as velhas cousas e figuras, que hoje evoco, surgem-me indecisas, mortificadas de sombra, do fundo escuro do tempo, antiga tela poeirenta, onde as imagens mal transparecem numa tinta desbotada e quebradiça. E todavia são as lembranças mais saudosas para mim, porque vivem no mais longe da

perspectiva em que o meu sêr se alonga sôbre o Passado. São as lembranças phantasmas, nuvens que toldam esse horisonte no qual se esbate a nossa vida, e d'onde já talvez se aviste Deus...

Eis a minha meditação interrompida pelo súbito parar do auto, à entrada da grande ponte sôbre o Douro. Era preciso pagar o imposto de passagem a um pobre homem que vive as noites em claro, numa barraca de madeira. Fitou-nos com aqueles olhos de campônio habituados a encarar desconhecidos. Duas palavras ácerca do Douro e da Fome, e eis-nos de novo em marcha, atravez da ponte de ferro e pedra, na penumbra.

Á nossa direita, alarga-se o leito do rio que se indefine e dilue na sombra; e à esquerda, o vale do Douro rasga-se em altos e abruptos montes, duma architettura morta e solitaria. Como a primeira claridade matutina despontava d'aquella banda, a abertura lúgubre do vale, definia-se, deixando adivinhar, para alem duma proxima curva, a tormentosa paisagem do Alto Douro. E, lá em baixo, no escuro somnam-

bulo das aguas, alvejavam chimericos tons de prata.

O silêncio pardacento e frio da ante-manhã, enchia a paisagem soturna duma vaga perturbação misteriosa, porque êle era feito da voz da nossa alma extremunhada, interrogando as cousas que se calam. Apenas o estrelouçar das travessas de madeira sob as rodas do automóvel e as raras luzes da ponte, faziam um barulho imediatamente devorado pela boca negra do vale.

Súbito, um ruido agudo de engrenagens, acelerou a nossa marcha. A extática harmonia das cousas vizinhas transtornou-se, fracionando-se em caóticas formas que correm, numa procissão absurda de árvores, casas, montes confundidos.

O leito do Douro ia ficando cavado em sombra atraz de nós. Subiamos os contrafortes de Montemuro.

Principia a ver-se um grande espaço que termina, muito ao longe, para nordeste, nos altos píncaros do Marão, cheios de alma e de crepúsculo. Entre o nascente e o sul, a ermida de

S. Domingos branqueja num ermo íngreme e escaldado, de *vulcanico talhe esbelto e sério*, onde os nossos olhos ficam em romaria. E na direcção do nosso rumo, o solo eleva-se em outeiros que se tornam incultos, solitários e batidos daquele primeiro alvoreço da atmosfera presentindo a luz. E na verdade já sobe do nascente, cada vez mais clara, a marmorea lividez da madrugada que alastra, como uma nódoa eterea, nas mais altas camadas do ar. A larga paisagem vai tomando, por milagre, um nítido relêvo nas suas saliências dominantes. A brisa matutina começa a varrer a sombra para os vales, limpando os altos montes que esperam a presença em oiro e rosa da manhã.

IV

LAMEGO surge, de improviso, num dos primeiros patamares de Montemuro, ostentando, ao lado, a íngreme escadaria do Santuário, enquanto a saúde da paisagem que eu dali contemplei, há muito tempo, esboçava horisontes montanhosos na amplidão panorâmica da minha lembrança.

Não sei que intoação antiga tem êste nome de Lamego . . . Pronunciá-lo é percorrer com os olhos velhos castelo sem ruína, cavaleiros phantasmas que perpassam na noite das legendas . . . No som das suas sílabas murmura a fonte da História Pátria.

Penetramos numa rua sem ninguém; atravessamos um largo ajardinado, a velha Sé apareceu-nos, de repente, desenhando a ogiva da porta num relâmpago escuro de pedra, e as úl-

timas casas do burgo antiquíssimo ficaram logo para traz, serenas na sua inercia quotidiana.

Mas, depressa, a vista geral da cidade se mostrou. E era outra no seu conjunto branco de edificios, entre dois traços negros perpendiculares: a velha torre de menagem e a velha Sé, dum relêvo duro e musgoso, no azul do espaço a revelar-se.

E que estranho e luminoso encantamento de indefinidas côres diluidas, dava tons fluidicos de perola áquele ambiente matutino do burgo e da paisagem áspera e serrana que o circumda!

Era uma cidade morta e êrma, embrandecida num sonho transparente de claridades irreaes, salpicado de luzes tristes. Dir-se-hiam almas do Outro Mundo . . .

Continuamos subindo a encosta de Montemuro, quasi num vôo ruidoso e rastejante.

Sentindo este grande passaro que tenta voar e corre, pequenas aves fugiam das valetas, num trémulo vôo confuso. Eram passarinhos solitarios da montanha, que lembram almas condemnadas tambem a um perpetuo exilio. Ha não

sei que tristeza êrma no bater das suas azas; e, quando piam, esvoaçando, parece ouvir-se no ar a queixa eterna e silenciosa da nossa alma.

Lamego via-se ainda, lá em baixo, apoiada num contraforte da serra que decliva sobre o Douro, cujas encostas marginaes se abrem agora numa larguissima amplidão, num vacuo enorme em que se espalha a madrugada, retocando as primeiras côres sombrias dos longes montanhosos.

Alcançado o vasto planalto de Montemuro, gélido êrmo, onde mal se divisa o povo de *Penude*, nome escuro de fraga,—o panorama, em volta de nós, não tem limites. É um deslumbramento de distancia! É já uma vista do mundo...

E eu fiquei admirado no meio desta planície, toda feita de altitudes, sulcada de rugas que o inverno enche de lagrimas, deprimindo-se, para as bandas do ocidente, numa larga mancha alvissima de nevoas, que nos esconde as terras baixas da Beira.

Deste mar sonambulo e gelado, emerge, na distancia, qual negro promontorio dos *Lusíadas*, o alto dôrso monótono da Estrela. É um

Adamastor beijado pela aurora, enternecido e lúgubre . . .

E esta luz que não é luz ainda, mas um crepusculo de encanto que alumia; esta luz de milagre anunciando o nascimento dum Deus; esta luz sentimental, de intima origem, matutina; esta luz que lembra um misterioso olhar correndo o infinito, num sorriso de transparencia azul e sem fim; esta luz prodigiosa da manhã, ou a luz desta manhã prodigiosa dava ao grande panorama circular, já planetario, uma apparencia transfigurada, dum colorido imaterial, em que vêmos, durante os sonhos, certas vistas de ceu e de montanha.

A planicie ondulada e êrma, batida duma aragem agreste e viva em pleno agôsto, e sulcada por um rio que parou, ferido de morte pelo sol, alguma parda povoação oculta nas pregas do terreno; a Grelheira, o Caramulo, o Marão, a Estrela, esculturas de bronze perfiladas, em circulo, na distancia,—tudo quanto abarcava o nosso olhar parecia um mundo chimerico, sonhado, um outro mundo, onde só existissemos em alma.

E em alma ou sombra de lembrança, me perdi para além dos horizontes. Visionei o resto da nossa paisagem.

Deste coração de Portugal, descobre-se todo o seu corpo em terra e céu.

O espaço etéreo que nos cobre, é também Portugal: um Portugal azul e indefinido, que vae, sem esbarrar numa fronteira, até aos astros. E assim, a terra que trilhamos, é portuguesa até ao centro do globo.

Deste planalto de Montemuro, terreno coração da Patria, descobre-se toda a paisagem lusitana.

Não é sempre o coração uma altitude? Se é humano, dele se avista o homem que o possui; se é terreno, mostra-nos a terra no seio da qual palpita. Um coração de carne ou de humus, como fonte de sentimento, tem o li-

quido poder de reflectir as varias nuances da creatura ou da paisagem.

Por isso, deste alto logar da Beira, eu descortino, para além da distendida curva horisontal, as terras mimosas do Minho; elisios campos, serras distantes duma infinita suavidade azul, rios que são beijos de agua em labios de verdura; outeiros frondosos de arvores, ruinas de nobres solares, com iluminações de luar e orquestras de môchos nas salas ruidosas de phantasticos bailados; praias de espuma e nevoa; incendios de sol entre os pinhaes, quando se avisinha a noite minhota, intimamente mythologica, desdobrando-se em lugubres scenarios de tragedias de sombras, — e cidades vivendo sob a proteção de Santos tutelares: Viana que Santa Luzia abençôa, Braga ajoelhada aos pés do Bom Jesus, Guimarães á sombra de Pio IX...

E vejo as serras que ela ergue de encontro á Hespanha. Lembram armaduras de fraga num seio de donzela. A pastora de idilio que se veste de Amazona belicosa.

E descubro agora a sua estranha irmã, a

provincia de Traz-os-Montes. Caim depois de Abel. A navalha e a franqueza depois da dissimulação e do cacête.

Que contraste! Ao campo verde e sereno sucede o planalto atormentado e amarelo dos restólhos secos do centeio.

Toda a provincia se alcandora, êrma e desnuda, em bronzeos cêrros chamuscadas pelos nove mezes de inverno e tres de inferno.

De longe a longe, um vale de Chaves, é riso pintado por ironia num rôsto que a dôr contráe. Aqui, os rios são lagrimas correndo entre fragas a prumo, como as duas paredes duma ruga. E as cidades são tristes, longinquas, fóra da vida, negras de antiguidade e abandono...

E voltando os olhos maguados para o sul, descubro a Extremadura e o Alemtejo; planicies de terra vermelha, côr de fogo apagado á superficie, com uma camada cinzenta de oliveiras e sobreiros. É uma enorme braza envolta em cinza, a rubra incandescencia tropical que o primeiro sôpro do norte já amortece...

Alguma serrania que se ergue, sosinha e

rara, põe em alto relêvo o drama da planura, e é um altar desolado sem imagens, luzes, flôres; saudosas solidões cheias de vento e dos queixumes de Herculano :

Caveira da montanha, ossada imensa,
É tua campa o ceu: sepulchro o valle
Um dia te será . . .

E as suas cidades têm aberturas sobre indefinidos horisontes côr de cinza. Sofrem de monotonia; apegou-se-lhes o mal pardaçento da planicie. A chaga do poente grangrena esta paisagem de barro, amassado em suor cachoante de ceifeiros, e depois cosido ao sol.

Perpassam atravez dela, phantasmas de mouros a cavalo, e a sua manta regional, garrida, gritando notas vivas de tinta . . .

E para além deste vasto painel português com ilustrações beduínas, descobro o Algarve, entre montanhas e o Atlantico. É um pomar edenico, vedado por muralhas de terra e abysmos de agua.

Mas quem poderá vedar aos olhos da alma qualquer canto do mundo e até do céu? Por

isso, vejo palmeiras que já frutificam, em grupos hieraticos que lembram a Biblia e o Deserto; figueirais cheios de flores dulcissimas, dias de eterna primavera, noites de Lendas e Mouras quebrando o seu velho encanto, resurgindo em vultos de penumbra e sonho, ao luar nascente...

Vejo pomares, jardins, cidades do litoral, tão alvas que parecem feitas da espuma das ondas...

E vejo o Algarve das Descobertas voltado para o mar, num longo gesto fragaroso: Sagres!

E descortino além do horisonte liquido, os jardins em archipélago da Madeira e dos Açôres.

Aparece-me o Funchal e a larga bahia quasi fechada pelas Desertas, áridos cêrros emergindo da Atlantida submersa. E a costa da Ilha, tão alta e aprumo, tem fendas profundissimas que são vales misteriosos, múrmuros de água e folhagens. Machico é um nome legendario.

Lá em cima, branquejam casas que devem sentir vertigens. E cá em baixo, sôbre as vagas que enegrecem, fluctua a sombra da Ilha.

E vejo mais longe, para o norte, o môrro de Santa Maria, afloração granitica do leito profundissimo do Mar, á vista de S. Miguel,

vulcânica, atirada á superficie por um impeto colossal de fogo, daquele fogo que rõe as entranhas do mundo e o faz tremer com dôres.

Esta ilha, a distancia, tem a côr pesada do bronze e a leveza fluctuante duma nuvem. De perto, o seu vulto enverdece mesmo nas altitudes montanhosas, definindo-se em finos recortes no Azul. E Ponta Delgada aparece numa branca multiplicação de casarias.

A Madeira é um alto bloco dum verde aloirado, e S. Miguel tem uma longa silhueta verde escura, intimamente calcinada, mas, toda por fóra, n'um dôce refrigerio de aguas que lhe extráem da alma em fogo e cinza, ternuras verdes de idílio, bosques e bosques de alegria!

E entro em Ponta Delgada, calcetada a lava negra: plutónica cidade no meio dum paraíso. E vejo, nos seus arredores, palacios de mármore, irrompendo, elegantes de alva dureza, dentre macissos viridentes, liquidos de côr e tremuras verdes, quando o zefiro perpassa. E vejo os parques que os circundam, todos sensibilizados de flôres, e as avenidas de areia lavica e vermelha que as chuvas não humedecem. Perdidas

A Beira num relampago

no arvoredado, ha divindades de mármore: frias estátuas pálidas sonhando numa atmosféra de silencio e verdura com filtrações de sol.

E vejo, no interior da ilha, a encantadora quinta do Cabouco (1) e os seus roseirais de chá e o alto cómorro vizinho que domina dois mares . . .

E subo ao Pico da Egua, o ponto culminante da Ilha, donde eia se desvenda aos nossos olhos, verde negra de florestas, scintilante de lagos que o sol beija, com altos relêvos duma elegância feminina e arborizada, bôcas negras de crateras, vilas brancas de estufas, estradas entre macissos de ortensias; paisagens de sonho fechadas num imenso e longo círculo de espumas alvejando numa téla azul, fluida e sem fim.

Depois, olhando dali para o nascente, descobre-se um grande abysmo, em escarpadas abruptas, altissimas, cheio de água, lá no fundo. É o lago das Sete Cidades.

(1) Passei ali o mez de agosto de 1899, na companhia do meu inolvidavel amigo Francisco Machado de Ataíde Faria e Maia, auctor illustre de interessantissimos *kodaks*, em prosa, de certos aspectos da Itália e da Suíssa.

Mas, de repente, a nossa vista, surpreendida, percebe sobre a linha do horisonte oriental, uma facha verde a desbotar-se em transparencias de céu e luz. Que será? Parece o mar. E, na verdade, é o mar! É o mar acrescentando á serra escura altitudes miraculosas de esmeralda. Que prodigio!

Abysmado, voltei-me para o ocaso. O Pico da Egua desce quasi a prumo até á praia. Olhei o liquido horisonte... Ei-lo á minha altura! e toda a superficie do mar, em rápido declive, está sobre a costa da Ilha, imovel e suspensa!

Outro milagre!

É um estranho panorama, onde a realidade e a chimera se misturam, esplendoroso e absurdo, sob uma luz caprichosa, com fantasias de delirio, creando scenários de Legendas.

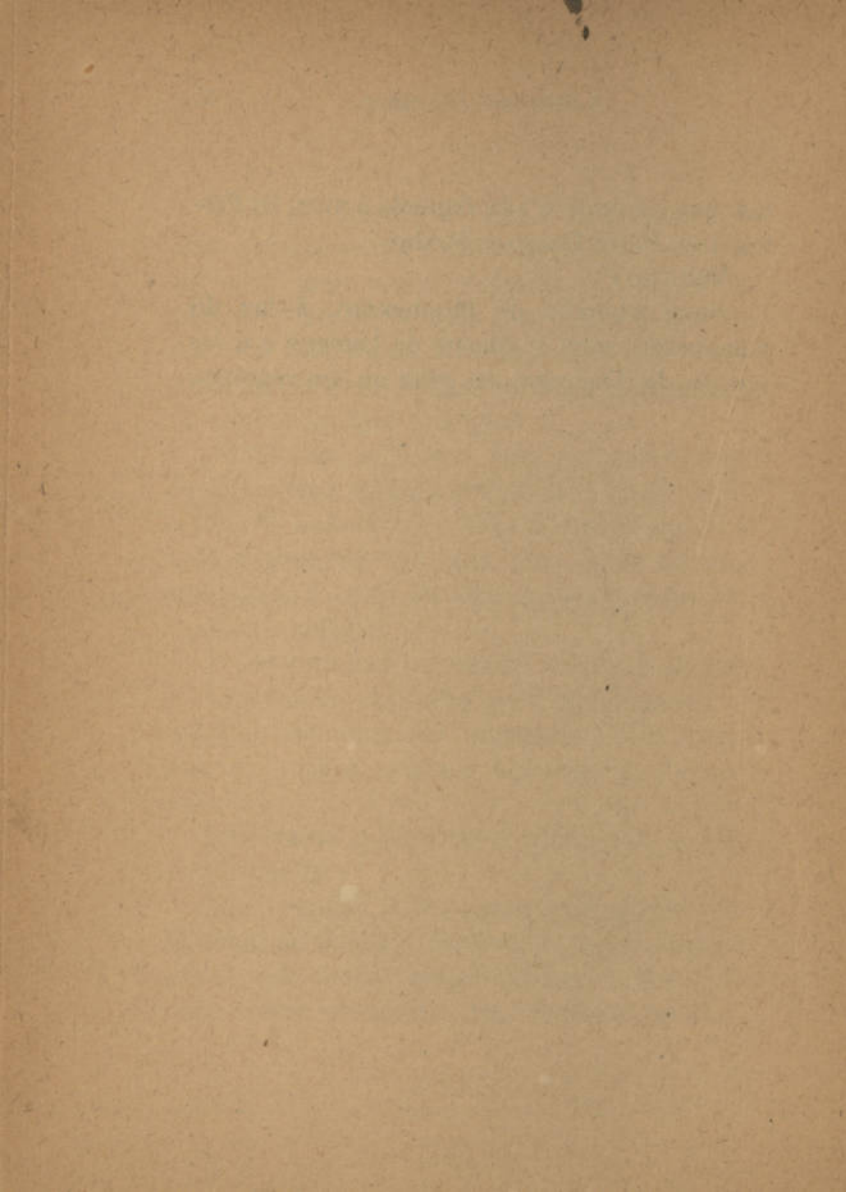
Presente-se a terra de S. Borondon, a ilha do Encoberto.

Aqui termina a Paisagem portuguesa, em aspectos de ilusão e maravilha. Aqui a terra é sonho; por assim dizer, o Olimpo de Portugal, onde vivem as sombras dos Heroes e dos San-

tos, que esperam o seu regresso á vida, ao Portugal de Entre Douro e Minho . . .

Voltarão ?

Neste planalto de Montemuro, á luz do amanhecer, entre o alfaiate de Lamego e o sapateiro de Trancoso, eu creio no seu regresso.



VI

O auto deslisava no encantamento da aurora, cada vez mais próxima e risonha. Era uma infinita pérola diluída no ar. As curvas suaves dos outeiros dir-se-iam ondas visíveis de harmonia, espraiando-se em litorais etéreos de safira. As distancias religiosas tinham emanações brancas de turbulo acêso. A paisagem era o esbôço infinito duma igreja nas vésperas da Aléluia. O sol estava para nascer. A Beira aparecia num deslumbramento alvíssimo de espuma. Um mimo, um encanto, uma ternura, um branco sorriso sem destino, caía da luz do sol anunciado, cristalizando em tons de côr maravilhosa, á superfície das cousas. A asperêza da terra e dos fraguêdos, jaziam debaixo duma camada de sonho.

Apenas o vento, um vento frio de serra, fustigando-nos o rosto e o impeto ruidoso do auto

que estremece e corre, prendiam o nosso sentir ao corpo material da Realidade.

O resto era um sonho ilimitado, um cósmico e estranho scenario de almas, fugindo, fugindo, sem passar...

O grande planalto de Montemuro! o grande scenario de almas! Sim: o grande scenario de Viriatho... Como a sombra montanheza do seu vulto (quem sabe? talvez presente ainda n'estes êrmos) me deslumbra e arrebatava para os tempos em que a nossa raça amanhecia, ebria de alma e sangue. Tambem a luz despontava agora dos lados do Marão.

E estes dois alvoreceres misturavam as suas claridades no meu sonho lusitano de renascença, de vida nova presentida atravez das ralas de agonia em que a Patria se debate.

No ilusionismo do crepusculo aureoral e mais ainda na imaginação excitada pelo abalo nervoso da viagem, isto é, em mim e fóra de mim, eu vi nitidamente Viriatho, o belo heroe phantasma, a primeira encarnação do Encoberto que foi a ultima espiritualisação do homerico pastôr da Estrela.

N'esta hora nacional tambem de incerteza, em que a morte se aproxima, talvez, como outrora se aproximou a vida, a figura de Viriatho anima-se duma luz tão humana e triste, que a sua antiga rudeza de pastor bravo, apparece embrandecida e condoida, tocada deste mimo alvorescente que imaterialisa tudo. É de oiro o seu cabelo solto ao vento, é de oiro a sua lança; e a çamarra grossa de estamenha que o cobre, lembra uma nevoa de sêda ondulando no crepusculo. Os seus olhos são azues, a madrugada transparece-lhe no perfil saudoso de melancolia. Presente-se o Archanjo... a Alma do outomno, do luar e da sombra, estatuada em vulto de emblema sepulcral... É a alma de que se veste a vida para o tragico noivado.

Mas a Visão desfez-se, quando o primeiro raio de sol correu, como flexa de oiro, sobre nós, do longinquo nascente esculpido em bronze transmontano. E logo todas as formas ganharam a côr e fisionomia naturaes. Assenhoreou-se do mundo a Realidade. A densa Esphinge mostrava materialmente o seu misterio, que nos

afflige á força de revelado e, ao mesmo tempo, impenetravel.

A paisagem indefinida pela sombra, como que se nos torna interior. O seu misterio é mais escuro e familiar.

Mas a paisagem alumada, contida nas suas linhas materiaes, adquire uma nitidez e densidade de presença, que fica exterior aos nossos olhos. Mais longe de nós que a outra, embora pareça mais perto, fêre-nos o excesso de revelação que a escurece, afinal, porque ela é pesada, muda, inerte, e fria e insensivelmente se abandona á posse do nosso espirito ancioso.

É mais afflictivo o misterio da cousa que se toca e vê, o do meu chapéu, por exemplo, que o misterio insinuante do luar, do outomno, da via lactea e de Deus.

Porisso, a velha Esphinge é de pedra; e, sendo de pedra, é que ela é verdadeiramente esphingica, silenciosa, imovel, densa na crueza da sua attitude á luz do sol.

VII

MONTEMURO reencarnou em belos outeiros explanados, d'uma cheia e suave ondulação que esconde os ossos.

O ceu é um marmore azul em abobada repousando nos pincaros longinquos da Estrela, Grelheira e Caramulo;—alta abobada, com um buraco circular, por onde jorra a luz que tudo inunda.

O branco da estrada, o verde e o amarelo dos baixos e altos relevos da montanha, o cinzento dos casebres que se apinham, raros, aqui, além, o cobre velho das distancias penhascosas, a cerração longinqua dos pinhaes, tapetando os primeiros vales da Beira que já se avistam— as várias côres da paisagem desceram, sobre ela, por encanto, no oiro da primeira luz.

Sômos, enfim, deste mundo; e a realidade estridente do automovel corre atravez da rea-

lidade tangível, material, de todas as cousas em tumulto.

O planalto findára, deprimindo-se em declives tórvos da ultima nevoa que se esváe.

Descemos para Castro d'Aire, vendo, deante de nós, enverdecida, uma grande amplidão beirôa. Cerram-se os pinhaes, junto da estrada, bailando e correndo na mais verde negra confusão; saltam-nos cães latindo; perpassam vultos humanos; casarias relampejam brancuras que se apagam; desequilibrantes movimentos de rapidez em zig-zag, e a voz rouca da sirene saindo d'um monstro envolto em nuvens de pó. E, em derredor, distante, um horisonte de serras que deslisa, estreitando-se e acelerando a marcha, conforme vamos descendo a encosta arborizada, onde se alcandora Castro d'Aire, com o seu nome romano e ar extatico.

Depois, lá em baixo, uma pequena ponte de pedra sobre um fio de tinta verde, transparecendo brancuras de areias em repouso. Depois, uma nova subida entre pinhaes; e, para as bandas do nascente, Montemuro que se afasta e azul. E sempre a linha tortuosa da

estrada, riscando a branco um painel imenso de verdura, mimoso e alegre nas veigas cultivadas, sombrio e triste, com rumores de vento, nos outeiros. E sempre, em todo o circulo da distancia, um rôxo macerado em altos pincaros.

Agora, é um ribeiro acompanhando-nos, muito embora n'uma fuga para traz, repetindo a verde a branca estrada; logo, um vermelhar fumegante de telhado; um córrego fugitivo; um cão saltando que arremete; mala-pôsta que passa n'um turbilhão de poeira furado de gestos humanos; galinhas que fogem, esvoaçando; aquela prêsa de agua entre salgueiros; um velho perfil de moinho; vultos de homens curvados, no trabalho, ferreas enxadas da pobreza reflectindo oiro, ao sol...

Aqui, a estrada bifurca-se para enganar o viandante; ali, desespera o *chauffeur*, cavada em buracos traiçoeiros, onde jaz, em cinza e pó, a vigilancia das Obras Publicas.

Mais adiante, uma nova perspectiva que se abre, desvenda novas faces da paisagem, como que esboçando, em nossa alma, a alegria das Descobertas...

Depois, é o ermo que se povôa... É Ladreda e o seu latir de cães que o nome esconde, já com ardencias de sol, grupos espantados de creanças, môscas zumbindo, um burro preso a uma argola, um postigo e, entre dois vasos de alfadega, um lindo e jovem rosto de beirôa que imprime um estantaneo alegre em nossos olhos.

Novos campos de milho, pinheiraes, aureos resplandores no Azul... e aparece Cobertinha, diminutivo sebastianista, nome que anuncia o berço profetico do Bandarra, o sublime sapa-teiro, o avô da minha inspiração.

E, para além de novos arvoredos, novas veigas, novas fontes de idilio em marulhos de abundancia, encontramos S. Félix, pequeno povo guardando a sua misteriosa santidade na sombra espessa, quasi material, de antiquissimos castanheiros.

Agora, desce a estrada para um valle a entreabrir-se n'uma verde amplidão que surpreende! E logo, ao segundo olhar maravilhado, aparece, lá no fundo, á nossa direita, um encanto de transparencia extatica e fluida, uma

longa esmeralda liquida e absôrta, enamorada de si mesma. Nem os raios do sol ainda obliquos, nem a aza d'um insecto, nem um sôpro de zéfiro, roçam a sua virgem superficie. É um sonho que não deslisa nem murmura; partiu d'uma fonte para o mar, e ali ficou. É lagrima que o sol não bebe, lagrima eterna e imobil no seu extase translucido, onde fulgem, espiritualizadas, as tintas viçosas das margens... É a mais perfeita quietação de alma religiosa que tenho visto traduzir-se em agua... É o Vouga, no vale de Lafões, perto de S. Pedro do Sul que surge, adeante, em casarias de riso salpicadas de folhagem. Nossa Senhora da Esperança deve ser a Padroeira d'esta villa que lembra a capital feliz d'um Povo de arvores.

Que pena! Ficou-nos logo á direita, escondida na verdura! E o proprio Vouga sumiu-se tambem n'um valle que se afastava!...

A paisagem vulgarisou-se de novo, repetindo a larga viridencia das campinas com largas manchas de pinhaes, pomares de macieiras, soutos velhinhos, mais velhos que a provincia, do tempo em que ela, sem nome ainda, era uma

vaga região nublosa da vaga e remota Lusitania. Depois, foi a Beira. E este nome deu-lhe um perfil e vida propria. Tornou-a senhora d'um espaço, no mundo. Ser anónimo é não ser. O magico poder da Palavra! Só quem te ignora, despreza as boas letras.

Agora, Bodiosa, Mozela, Abravezes, fazem soar, atravez da paisagem, o estranho misterio dos seus nomes, de suavidade pastoril, como o primeiro, ou em silabas de tójo bravo e fragas, como o ultimo.

Contemplae estes pequenos Povos que a estrada corta ao meio. Lançae um golpe de vista sobre os seus arredores, e sentireis emanar-se do ambiente, como que um silencio de alma sugerindo uma expressão verbal—que é já o seu nome proferido pelas cousas.

Ha logares que se baptisam a si propios. O seu aspecto original provoca, em nós, uma combinação de silabas que o traduzem em som articulado.

O homem é uma lira animada, tangida pelas cousas mortas, e é talvez um traço de união entre a morte e a vida verdadeira. Pelo

menos, concebi-o assim, na minha obra. E, concebendo-o assim, desculpei varios erros á Natureza e engrandeci-a, atribuindo-lhe fôlego bastante para ultrapassar o pobre bipede implume, misero passaro sem azas que condeou Platão.

Mas voltemos aos nomes... Tambem os êrmos têm um nome que é, muitas vezes, o ultimo vestigio de povoações desaparecidas, porque a alma sobrevive ao corpo.

Os seus edificios deshabitados pela peste ou pela guerra, desmoronaram-se ao vento e á chuva; sumiram-se, debaixo da aluviada e dos silvêdos. Mas o seu nome de vila ou logarejo, o seu nome de *pessoa*, se perdeu o sentido urbano e alegre, nem, por isso, deixou de viver, embora mais triste, impregnado da melancolia do êrmo em que paira, animando-o da sua vida.

Mas quasi sempre um logar solitario tem o nome da sua expressão em nós; quer dizer, tem nome proprio.

Encontro n'estes nomes de povoados e êrmos, alguns de côr mourisca e outros de celtico sabôr, um grande encanto, pelo que eles

mostram da alma humana em casamento com as cousas.

Por isso, eu olhava os aspectos da paisagem beirôa, tão fértil em nomes sugestivos, como tentando adivinhar-lhes, para além das formas plásticas de terra, verdura e água, o desenho animico, verbal, que o povo fêz das suas almas.

De que servia? O que se relanceia d'um auto, não é o que se contempla das proprias pernas.

A paisagem desenrolada, em volta de mim, é a paisagem vertiginosa, turbilhoniante, do *chauffeur*, destruidora dos detalhes que se individualisam e adquirem um nome. A Velocidade dá a visão larga do conjuncto a deslocar-se em movimentos de azas voando.

Adeus, aves a cantar, sobre as ramagens que o zéfiro balouça! Adeus, idilio inocente das cousas convidando as almas ao idilio! Adeus, recantos de frescura e repouso virgiliano! Adeus, fontes sagradas com invisiveis Nimphas coroadas de lirios, bailando ao som de frutas pastoris! Adeus, paisagem alegre e serena, enamo-

rada da sua propria inercia em viço e flôr! Desaparecestes do mundo, sob o alarme da siréne! Os paraísos findaram. A Creação enlouqueceu. Toda ela se perturba em movimentos doidos. Corre e foge sem destino, deixando perceber apenas as grandes formas ou aquelas que férem pelo imprevisto da sua beleza. Mas, ai, tudo se passa n'um relampago!

Assim scismava, quando o Alvaro me apontou, a distancia, o panorama de Vizeu, ainda quasi afogado em arvores, emergindo sómente os seus mais altos edificios... branco archipelago banhado de folhagens.

E, ao exclamar: «Vizeu!» de novo, me lembrei de Viriatho, como se o épico Pastor viesse ao encontro da minha exclamação, atraído por ignota e fraterna simpatia.

A hora cheia de sol e realidade não plasticizou exteriormente a Figura evocada.

E, na verdade, existe um parentesco espiritual e mesmo gramatical entre as duas palavras: Viriatho e Vizeu.

Viriatho é a heroica affirmação do individuo, esculpindo ele proprio a sua estátua, todo

ele, desde o esqueleto ao pensamento, condensando-se n'um marmore eterno.

Vizeu traduz tambem o poder de individualidade duplicado. Lembra a corrupção de *bis* casada ao pronome *eu*. — Eu duas vezes, dirá orgulhoso o filho da bela cidade beirôa.

VIII

A SIRÉNE do auto roncando alarmes, previne ruidosamente os primeiros transeuntes da sua presença veloz e poeirenta.

As casas, raras ainda, esboçam uma rua que logo se define em belos edificios, sob um Azul sem nuvens, onde as dez horas imprimem um grande X luminoso.

Presente-se a prosperidade e o trabalho.

Que diferença entre as vilas transmontanas, num repouso escuro e secular, em amarelas terras de febre pelo estio ou queimadas de neve, pelo inverno, e as vilas da Beira, caiadas de frêsko, prósperas e brancas no mimo arborizado da paisagem!

A rua abriu-se, depressa, n'um magnifico largo ajardinado, macaqueando, em artificios municipaes, o imenso jardim natural que estreita a cidade num viçoso abraço feito de arvores.

Mas, como obra do homem e do homem oficial aparentado com o Estado, é bela e alegre a praça pública, onde um ruído súbito do trovão cortou as azas ao nosso vôo. Parámos á sombra duma arvore nova, e o bailar confuso do ambiente parou tambem, porque nós eramos verdadeiros demónios, transmitindo, por tentação, a tudo, o movimento febril que nos animava. Paramos, isto é, regressamos á nossa qualidade misera de bipedes. Eu sentia-me um corpo trôpego, inerte, quando troquei as quatro rodas do automovel que vôam, por estas duas pernas que andam simplesmente. E uma tristeza de moura quebrada no seu encanto, chorava nos meus olhos que, de relancear as fugas aladas da paisagem, começaram a olhar o extático e o morto de todas as cousas.

Voltamos a ser homens: o demónio fugiu de nós. E o primeiro sintôma desta pobre condição, manifestou-se logo sob uma forma agradável, quando ha prata na algibeira: o desejo de almoçar!

E a velha Sé? o Grão Vasco? a cava de Vi-riatho?

Duas tentações, uma divina e outra humana.

Deus, mais uma vez, foi vencido. Eis-nos a caminho dum almôço ainda chimérico, fumegando lisongeiros arômas na nossa imaginação.

O devorar é um vício tão proprio da féra humana, que nem a alma lhe foge! A mística Pomba biblica tem garras de rebanho, afinal!

Mas cumparamos o nosso destino animalêsko.

Adeante do logar onde paramos, num luminoso e airoso sitio, um grande e novo edificio parecia vir ao nosso encontro, oferecendo-nos, risonho, este letreiro: *Casino-Restaurant!*

Entramos num sobresalto de alegria. Ampla sala cheia de mezas, a Suissa em oleografias, nas parêdes; e, ao fundo, sob estantes coloridas de licôres, um balcão e um creado de farda fazendo contas n'um papel.

Alguem inquiriu:

«Que ha para almoçar?»

E o rapaz, volvendo-nos um rosto pálido e soturno, apenas disse:

«Não ha nada.»

E logo, como ofendido, nos voltou as costas, para se inclinar sobre o papel, onde al-

garismos rebeldes contrariavam a soma desejada.

Fômos indiscretos. A cegueira da fome não nos permitiu ver que os restaurantes de Vizeu se não prestam a comedias gastronómicas, rebaixadoras da dignidade espiritual do homem. São restaurantes idealistas, templos do Jejum, que só receberiam alegremente Platão e os seus discipulos.

Não quizemos macular, por mais tempo, com a nossa fome, este grave Santuario da Abstinencia. E, sacudindo, como na Biblia, a poeira dos sapatos, dali nos partimos procurando um hotel mais humano e deste mundo.

Assim abandonamos o Casino e o seu doirado letreiro mentiroso, em grandes caracteres que ficaram gravados ironicamente na sombra do nosso apetite!

Cá fóra, a vasta amplidão da Praça prolonga-se, estreitando n'um bairro novo, onde a terra mostra ainda a côr quasi carnal da sua nudez. Um alto edificio de construção recente inicia, solitario, a futura rua que termina, adiante, numa planicie verdejando e ondulando até aos

longinquos contrafortes de Caramulo: a serra de maronêscó perfil em bronze.

Estavamos á vista do hotel do Casimiro. Dirigimo-nos naquela amavel direcção, olhando o que se via de Vizeu já arrabalde, numa hesitação pitorêscá entre o urbano e o campestre, onde a paisagem, ferida pelas casas, principia a ganhar pele, sarando.

As cidades lembram chagas roendo a verde epiderme da terra. E o homem é um microbio mau que destróe a Natureza.

Perdõe o leitor este súbito pessimismo, caindo, qual nódoa de tinta negra, no assunto viçoso e alegre, em casarias brancas e verdes perspectivas, deste livro.

Já proximo do hotel, gulosamente referido, travou-se imprevisto diálogo entre nós:

— «Que dizem? Almoçamos aqui ou no Mosteiro? O Ventura espera-nos . . .

— «De resto, o tempo é pouco. Necessitamos de ver a cava de Viriatho, a Sé, o celebre *S. Pedro* e o *Calvario*.

— «Pois bem! Uma chavena de leite, e a caminho da Sé!»

Grão Vasco voltava a estender-nos os braços, atravez da sua duvidosa existencia. Sim: duvidosa, como a de Christo, de Shakespeare e Homero.

É curioso o prazer que tem o homem de pôr em duvida a existencia dos homens que maiores signaes deixaram d'ela! É curioso e tragico!

Penetrei numa sala de jantar, alegrado no meu apetite e contrafeito na minha alma, por ter de encarar o meu semelhante na sua attitude ingenua, feroz, antiquissima de bicho que devora com um certo ritual de baixelas e guardanapos.

Um ar mórno, impregnado de cheiros culinarios, várias mezas, tendo flôres disfarçando o realismo prosaico das comidas, vultos ligeiros de creados, ruidos de porcelana, alguns hospedes debruçando o seu tédio e a sua fome sobre um jornal e um bife e, ao fundo, um grande espelho, na parêde, a spectralisar aquele ambiente carniceiro e florescido.

Cheio deste scenario funebre de apetites que morrem, depressa, me encontrei, outra vez, cá

fóra, à luz do sol, a bela Flôr ardente, nascida na Beira lá de cima, na Beira olimpica e azul, que é verdadeiramente a Beira Alta.

E voltou a dominar-me a aparição nebulosa e hipotetica de Grão Vasco. A dúvida ácerca da sua existencia parece aureolar a figura do grande Artista incerto! Sem esta dúvida, que o martirisa e tenta aniquilar, Grão Vasco ficaria diminuído ante a emoção eterna de beleza que ele evoca! E assim eu vejo Homero, o divino avô dos Poetas, depois de mendigo e cêgo, depois de desfeito em poeira pelos seculos, condenado à tremenda pena capital de nunca ter existido!

Ai, de ti, Homero! e ai de ti, Grão Vasco!

Penetramos no âmago da cidade, labirintico, em direções misteriosas que se cruzam e tornam perplexo o *touriste*.

Mas uma vaga certeza nos impele... E sentimos um certo encanto especial nesta interrogação silenciosa que nos guia, para um fim desejado, através d'um meio desconhecido.

Dir-se-ia a propria imagem da Sé, respondendo, de longe, ao nosso aneio, como que

dizendo: «é por aquela rua, à esquerda...» Que simpatia nos prende a alma ao objecto do seu desejo, embora morto e de pedra!

E logo enveredamos por uma rua enegrecida e velha. E aparecia gente às portas e às janelas, olhando-nos, como se olha um bicho curioso, porque o homem é ainda para o homem o animal mais bizarro, estranho e imprevisito.

«—Repere no hotel Mabilia, onde esteve seu Pae, em 1895. Era nesse tempo o melhor hotel de Vizeu,» disse-me o Pedro de Macêdo.

E vi, com simpatia, uma entrada escura, cheia de malas, num velho edificio escuro.

Que diferença vae do hotel Mabilia ao hotel do Casimiro! Como Vizeu prosperára em vinte anos! E digo Vizeu, porque uma cidade, para os de fóra, está nos seus hoteis. O hotel é uma sala de visitas que nos dá o movimento da casa, a riqueza e o gôsto de quem recebe.

E, enquanto a cidade luminosa e alva sorria à mocidade verde da paisagem, atingimos um largo alto dominante, a escapar-se, por entre as casas separadas, sobre a bela e viçosa amplidão que o circumda.

Eis-nos em frente da Sé, e a dois passos de Grão Vasco, o grande desterrado da Existencia, como Christo, Shakespeare e Homero.

Penetramos, atravessando o magestoso portico de pedra, na fria penumbra interior que passa escura mão de fluída tinta nas abobadas, nos capiteis, nas paredes desmaiadas e nos altares feridos de luzes amarelas.

Sobre um solo de esqueletos desfeitos, perante imagens sangrentas do Senhor, ha vultos de mulher ajoelhados. Vestem de negro. Exalam penitencia e viuvez. A distancia, o murmurio das suas rezas perde o sentido, e é o som duma aragem que perpassa. E Deus saberá distinguir a voz humana da voz das cousas?

Alem, defronte do altar mór, alguns cavalleiros de idade, põem, na sua mistica attitude, um discreto protesto silencioso contra a heresia que lavra.

Ai de nós! As divinas Imagens que viveram outrora, em amor e sonho, na alma dos fieis, passaram a existir, em madeira e tinta, nos altares. O português (vêde o grande mal!) sofre de desencanto e de velhice. Mumificou em for-

mas de esqueleto; e ri como as caveiras. Porque o riso é mascara. Encobre sempre qualquer cousa que nos falta. O riso português encobre um Deus defunto. Ah, que tragedia a ironia nacional! É a lívida Descrença com um traço de vermelhão nos labios: palhaça e dolorosa. É, em suma, o presagio carnavalesco da nossa morte!

Triste, contemplava o vasto recinto architettato em ouro, em pedra e flôres, quando o sacristão nos apareceu. Ei-lo que vem para nós, de suissas brancas, correcta attitude encorpada, pequenos olhos sorridentes de malicia campestina, quasi ingenua:

— «Os senhores querem vêr o S. Pedro?»

— «Decerto. Viemos aqui atraidos pela sua fama.»

— «Pois bem, façam o favor de me seguir.»

E apontou-nos, com uma grãnde chave, o local da sacristia.

A chave, a barba branca e a calva, davam-lhe todo o ar apostolico da primeira columna da Igreja.

E, por isso, lhe disse:

— «Mas vocemecê é que é o S. Pedro!»

O homem nunca mais me tomou a sério. Quasi me tratava por tu, e respondia sempre chalaceando ás minhas perguntas.

Uma simples frase de graça inofensiva, imprimiu-me, aos olhos do sachristão, um certo aspecto hilariante de que não pude libertar-me. E assim perdi tudo o que era, n'um momento.

Dirigimo-nos para a porta da sachristia. Apenas se ouviam os nossos passos no grande templo. A nossa presença movimentada e curiosa, offendia aquele ambiente místico de paz, descanso de alma e liturgicas penumbras.

Vagos sons de reza sibilantes, vagos fumos de thuribulo subindo, o ouro velho das molduras, rostos dolorosos de Virgem Mãe, olhando-nos atravez de flôres que os cirios cadaverisam, palidos perfis de damas em mantilhas negras de sêda, uma tenue frialdade tumular, beijando-nos com labios de phantasma—tudo, emfim, nos falava d'uma religião de dôr, sombra e morte. Só a figura do sachristão desenhava contrastes jocosos n'este meio anoitecido. Era gorda, tinha alegria e suissas brancas.

A sua velha chave rodou n'uma velha fechadura e abriu-se uma velha porta, deante de nós.

Lá estava, suspenso da parede, o celebre S. Pedro.

Eu vinha ainda com os olhos cheios de catholicismo e crepusculo. A imagem profundamente realista do Apostolo discordou, vigorosa, da afinação ascetica e sombria dos meus nervos. Foi um encontro violento, um instante de discordia moral entre a minha sensibilidade e Grão Vasco.

Mas a borrasca serenou; a luz dos meus olhos, desanuviada e mais sadia, viu, então, n'um grande encantamento alvorecente, a figura tão viva e humana de S. Pedro! E viu ainda, atravez d'ela, o vulto lusitano e inconfundivel do pintor, dominando o estilo e a época. E viu, sobretudo, aureolando a obra e o artista, o sorriso d'uma ironia estranha n'aqueles tempos de austera seriedade medieval.

Reparae no velho Apostolo, no velho soldado da Plebe que triunfa. Logo nos fére a caricatura que resalta da luxuosa roupagem de Pontifice vestindo, pela primeira vez, o tronco

d'um velho proletario, o rude pescador de peixe em Tiberiades, que a victoria democratica do Christianismo elevou a pescador de almas.

Vêde o habitante da pobre choupana marginal, guindado miraculosamente ao alto solio pontificio! Vêde-lhe a fronte enrugada e queimada do sol da Palestina, sob a tiára de oiro e pedras preciosas! Vêde-lhe as cordoveias grossas do pescoço que se esconde, sujo ainda, talvez, em alvos fólhos de rendas. E vêde a sua mão direita, calosa e trôpega dos remos, n'uma luva fina de pelica, apontando hieraticamente os altos ceus.

E reparae agora na caricatura que transluz n'esta mistura comica de vestes reaes e formas tôscas de proletario.

O S. Pedro de Grão Vasco é o tipo venerando e pontifical do *parvenus*.

O estranho Pintor criou a primeira grande caricatura social e politica. Acendeu, antes da Revolução francesa, o primeiro riso aristocratico mordendo a *gaucherie* dos triumphos plebeus. Ele anteviu o comico desequilibrio em que ficaram as sociedades europeias, depois

de quebrada a sua forte e classica hierarchia.

O seu genio glorificou ao mesmo tempo as singelas virtudes do trabalho, encarnando-as n'uma figura sagrada.

É certo que á concepção naturalista da sua escola, repugnava a palidez, o ascetismo, a espiritualidade; mas Grão Vasco teria aristocratizado S. Pedro, se não fosse um espirito essencialmente lusitano e vicentino, representante das qualidades da Raça que criou a nossa Democracia medieval e a nossa Egreja.

E, consagrando o pescador, caricaturou o Papa n'um tipo grosseiro e vulgar, sem um vislumbre de intelligencia na expressão animal e quasi baça dos seus olhos. É um pescador que nunca pensou em Messias ou Escrituras, mas sómente no seu batel e nas suas rêdes.

Ora, o S. Pedro biblico devia ter sido um pescador intelligente, um pescador que ouviu as palavras de Christo e o acompanhou, um pescador que pregou em Roma e em outras cidades do Imperio, que criou adeptos, prestigio e um nome eterno.

O S. Pedro de Grão Vasco é muito simplesmente um poveiro da lancha *Nam te perdes*. É o rude e lusitano trabalhador do mar, vestido de César. É o genio plebeu victorioso, ornamentando-se com os simbolos aristocraticos que ele tentára destruir. É o nosso antigo espirito de liberdade e aventura encarnado em suprêma Potestade.

É uma epopeia e uma comedia.

E o *Calvario*?

Saímos da Sachristia. Atravessamos um claustro onde se ergue o tumulo do bispo de Vizeu. Uma fita verde e outra vermelha listram democraticamente o marmore tumular.

Penetramos, emfim, n'um estreito recinto escuro; e, logo, abrangendo um largo espaço de parede, aparece-nos o *Calvario*.

Visto a certa distancia, é um tumulto vivo e confuso de figuras que se agitam, gesticulam e falam, em volta das tres Cruzes, negras na lividez soturna do Infinito!

A nossa memoria povôa-se de judeus, de soldados romanos a cavallo, de mulheres palidas que choram, sob a indiferença e a morte dos tres

supplicios. E todos os perfis se diluem vagamente n'uma penumbra de eclipse...

Tão intensa e dramatica é a impressão recebida, que ficamos logo a pertencer áquela turba; assistimos verdadeiramente á divina Tragedia, como se fôramos, no prodigioso quadro, as ultimas figuras postumas do Mestre. Judeus? soldadesca romana? gente do povo companheira do Messias? O leitor dirá...

O *Calvario* é uma verdadeira scena real, que domina violentamente o espectador e o transforma em actor. Se ele é hereje, dirá sarcasmos ao Christo, fazendo gestos de ameaça; se é religioso, chorará com as tres Marias, desolado; ou então, mais ardido de genio, quereria chicotear sem dó a plebe cruel e bruta que rodeia o cadaver de Jesus.

E eu senti o parentesco misterioso que irmanava a tinta d'aquelas figuras á carne que me veste os ossos.

Depois, aproximei-me... Cada personagem da Tragedia, rompendo a confusão agitada do arraial, mostrou-nos o seu perfil, os seus olhos, a sua alma, ou acêza em violencia e raiva, nos

Judeus, —ou n'uma escura e dolorosissima luz de compaixão em Maria de Magdala e outras mulheres.

Mas o que mais estranhamente impressiona, é a fealdade super-tragica de todas as figuras; fealdade geral que nem poupou as virgens de Jerusalem. As tres Marias causam medo e lastima, feias de rôsto e intimamente consumidas. É feio o proprio Christo. E o que vale á Virgem Mãe é esconder a face desfeita em lagrimas no manto.

Desta multidão agitada, e violenta, e dolorosa, de fealdades expressivas de varios estados de alma, resulta, de surprêsa, o quer que é de tragicamente cómico e macabro.

Esta fealdade geral ensombra mais as tintas negras da Tragedia, mas perverte-lhe o classico sentido grave e sério. Uma sinistra ironia anoitece de riso lugubre o *Calvario*. É a alma estranha do pintor que aparece no meio da turba, olhando para nós. Foi n'este scenario horrivel que ele quiz mostrar-se á Posteridade, ostentando as suas vestes medievas entre tunicas romanas. Porquê?...

O genio que em S. Pedro riu da plebe triumphante, consagrando-a, n'este quadro, veste-se de sombras dolorosas, soffre, mas sem deixar de rir um riso que emana da excessiva plastisação da Dôr, em todas as suas formas de raiva, angustia e piedade.

É que o feio caricaturando o tragico entenebrece-o mais. Grão Vasco entendeu que o drama para ser drama, quebra os ritmos naturaes do homem fisico e moral, que se exageram em certas expressões e denunciam a nossa fisionomia originaria. Tornam-se d'uma fealdade offensiva á força de saliente, da qual nos defendemos, rindo.

Por isso, a simples hipertrofia d'um nariz, d'uma orelha, etc. faz a caricatura e o riso. E faz a verdadeira tragedia, porque nos mostra *realmente* a nossa mortal e fragil condição.

A caricatura é o riso amarelo da alma, ante a sua origem e o seu destino: ante o Macaco e a Morte. E é o peor inimigo duma concepção optimista da Vida, resultando do sentido siamêsco e animal que o homem teve da sua natureza. A caricatura nasceu da morte da alma

imortal. É a filha dolorosissima da Desilusão (1).

Grão Vasco desejando dar a suprêma tragedia do Calvario, caricaturou-a fatalmente.

A força do seu desejo, arrastou-o a esse extremo da Arte, n'um tempo em que ella renascia para as formas classicas do ritmo e medida, para a côr serena e luz saudavel da harmoniosa plastisação greco-romana.

Eis a originalidade genial da sua Obra, tão lusitana em *S. Pedro* e profundamente iberica no *Calvario*.

Grão Vasco existiu, portanto; e é nosso pela alma e pelo sangue: é irmão de Gil Vicente e de Cervantes.

Deslumbrado ainda, encontrei-me n'uma especie de museu que existe em todas as Sés, quando são velhas.

(1) Refiro-me á verdadeira caricatura: á d'um Cervantes, d'um Heine, d'um Grão Vasco, d'um Unamuno, d'um Raul Brandão. Vide destes dois ultimos: *Niebla* e *El-Rei Junot*.

Ricas vestimentas de padre: o oiro, a prata, a sêda entrelaçando-se em finos e velhicosos desenhos; — relicarios de cobre esmaltado, com reliquias, d'um valor incalculavel; missaes; pergaminhos, onde a tinta das iluminuras tem um viço eterno; alfaias liturgicas de oiro e pedras preciosas, etc.

— «Por este calix oferecêra um inglez 500 libras!!!» exclamou o alegre sachristão, n'uma voz imponente que o tornava quasi proprietario d'aquela soma apetecida. E logo readquiriu o aspecto mordaz que o meu aludido gracejo lhe imprimira na mascara de figurino antigo, dos bons tempos...

N'estas narrativas de cicerone de Sé Velha, é infalivel o tradicional inglez cheio de libras, mastigando verbos no infinito: estranha linguagem impessoal, como o cantar das aves e o murmurio das fontes, que dá um encanto edénico, infantil, á *póse* correctá e dura dos anglo-saxões.

Mas a figura do sachristão perseguia-me. E o seu chalacear a despropósito de tudo, profanava-lhe o branco liturgico das suissas. Ele

queria vingar-se do meu gracejo que o identificára ao apostolico retratado de Vasco.

Subito, aproximando-se d'um recanto da sala, a sua imagem tornou-se curiosa, erguendo piramides de imaginarias libras sobre velha brazeira de ferro, onde os cónegos aquentavam os pés, no intervalo das rezas, pelo inverno. A sua imaginação fartava-se n'aquela riqueza quasi abandonada á curiosidade dos *touristes* e... das aranhas. Ele era, d'algum modo, o seu proprietario. Assim lh'o affirmava, dentro do bôlso, a veneranda chave do museu.

E, quando d'ali subimos a uma torre dominando um largo trecho de paisagem, e lhe perguntei pela cava de Viriatho, o sachristão foi épico, foi mesmo descendente do grande Heroe, respondendo com altivez beirôa:

—«Esta largueza de terras que o sr. vê, fechada, ao longe, por montanhas, toda ela é a Cava de Viriatho!»

A bonhomia sorridente das suissas, o redondo lustroso da face, mudáram de expressão, impondo-lhe uma tal attitude severa e grave, que eu julguei ver, deante de mim, o espectro civil

e envelhecido do ultimo heroe digno de Homero, na frase de Momsen.

Minutos depois, abandonavamos a Sé, envolta na penumbra dos seus annos e suja d'um Governo Civil que a acotovela.

Lá ficou o sachristão, no alto da escada, tilintante de chaves, tendo, nos olhos maliciosos, faiscando e sorrindo, agradecida, a prata da gorgêta:

— « Obrigado ! Bôa viagem ! »

— « Adeus !... »

IX

*

AFEITO á minha condição morosa de bipede, mais uma vez me perturbou a estridencia poeirenta e veloz do auto.

Corriamos ao longo da ultima rua, entre portas e janelas com silhuetas repentinas que espreitavam. Tocava-nos, de longe, um halo de viva curiosidade: emanação animica de Vizeu ficando, atraz de nós, pulverisada.

Depressa, entramos em plena paisagem campestre. É ainda a mesma Beira, casando a elegia dos pinhaes ao idilio viridente das campinas, d'uma abundancia em macieiras quasi edenica.

Teria sido aqui o Paraiso? Não o Paraiso cantado por Moysés; mas um outro Paraiso entre o Vouga e o Mondego: o Eden d'algum velho Mytho indigena esquecido.

É ainda a mesma Beira, alegre e triste, se-



meada de vilas que reluzem brancuras de terra bulida e pedra nova. É o mesmo panorama severo e contente, abençoado da agua e do sol, elevando-se em pincaros montanhezes, na distancia: uma arena ciclopica fechada em trincheiras altas de bronze.

A Estrela, á nossa direita, ensombra o horizonte que se alteia, e se deprime para ascender aos cumes da Louzã, além da qual se alongam os campos saudosos do Mondego. Depois, é o Bussaco e a sua piramide invocando o drama heroico da Invasão. Depois, é a serra de Arouca, escura e êrma, sob a estrela polar, e a Gralheira sobre o rio Douro abysmatico, mostrando o esqueleto, — e Caramulo e Montemuro, d'onde nasce a estrela de alva, a lua e o sol, como se fôsem filhos bemitos das suas pedregosas entranhas negras.

É ainda a mesma Beira... É Fail que nos aparece e diz adeus, com um lindo rôsto a uma janela e um negro olhar que nos persegue e fica a alumiar: uma saudade colhida n'um relampago...

Agora, é um denso pinhal, todo ferido nos

pés, sangrando. E os pinheiros martires gesticulam ao vento a sua dôr, e fogem, como sob os açoutes d'um carrasco.

Ao drama vegetal sucedem arvores alegres, bailando ao som cantante das fontes. È uma festa pagã (as Saturnaes da Velocidade) que se propaga a todas as cousas, desde o casebre humilde ao êrmo e austero, campanario, em pedra e extase, no ceu. Uma dança universal enche o espaço de movimentos que obedecem a um ritmo confuso de loucura.

E, rasgando tão cahotica harmonia, a garganta da siréne expele os seus alarmes de metal: é um carro de bois, um viandante, uma curva traiçoeira da estrada, um auto que surge e passa, animado de caras, nubloso e ruidoso... e é já mancha de poeira atraz de nós.

Canas relampeja vermelhidões de telhado, instantaneos de esquinas e janelas, alvôres efêmeros de cal, fugitivos vultos de rapazes...

Novos pinheiros com chagas ao sol, em multidão, dramatisam a paisagem que logo fica a rir verdura e agua... Agua e verdura... verdura e agua, luz, ceu azul... aguarelas que

Deus pintou; *frescos* divinos que o auto suja e risca, n'um acesso de heresia. Assim aconteceu ao *Calvario* de Grão Vasco, tumultuoso ainda, cheio de trevas, de gestos e de lanças, na minha memoria, onde a saudade daqueles olhos negros de beirôa punge, como prenuncio de aleluia.

Oh, os olhos negros das donzelas da Beira!

São antiquissimas noites em róstos de madrugada. Falam de velhas mythologias, rezam lendas de Mouras, cantam o ciclo fabuloso da sua Raça. São olhos de pastora homericas. A sua luz lembra o sol das grandes altitudes: refulge desanuviada e longinqua, e nela ri o nosso Futuro.

Quem não viu as môças da Beira, não viu a Donzela portuguesa na posse do seu sêr primeiro, firme e airoso de elegancia, em nitidas linhas brandas, d'um colorido intacto e purissimo, onde a rosa afogueia e cresta levemente a brancura da face. É a sombra árabe amanhecida em sanguineos esplendores do Norte...

Ao contemplá-las, pensei na Grecia... A Grécia e a Beira! A obscura provincia lusitana

e o berço em marmore eterno de Platão! E eu via as columnas do Parthénon, rochedo evoluido, animado pelo genio, e via as fragas de Montemuro erguendo uma saliencia do mundo, um alto relêvo do Planeta, que é tambem a ruina d'um templo povoado de Deuses mortos...

A Beira, por virtude do seu povo, é o coração de Portugal. E eu sou beirão em meu Avô paterno. Prende-me a esta terra uma remota simpathia herdada, um ancestral amôr profundo. Ha trechos de paisagem que me parecem familiares, contemplados já pelos meus olhos... Quando? Nos velhos tempos em que eu, esperança ainda de mim mesmo, errava disperso em outros sêres; nos meus tempos de nuvem, cuja vaga recordação nublosa esfuma o longinquo horisonte que não limita, mas indefine a minha alma...

As memorias de alem-berço, invocadas n'estes logares que eu vi outrora pelos olhos de Antepassados, fundem-se na sensação actual que elles gravam a sol, a terra e agua, nos meus nervos. E, porisso, um encanto espectral e vivo, saudoso e presente, sobe para mim d'esta Pai-

sagem intima do Reino, adorada em morte e vida.

Depois de passarmos Tondela, na sonancia virginal e feminina do seu nome, eramos uma nuvem de poeira correndo sobre o Dão: nuvem com entranhas de ferro e ruido, e almas alvoçadas, vertiginosas, ébrias de sol, de Azul, de amplitudes verdes que, n'elas, panoramicamente se imprimiam.

Subito, abre-se um valle encantador: — esca-leiras de vinhedos descendo para o cristal extatico do rio. Além, a arte humana quebra-lhe o sonho verde que se revolta, branqueja e cáe n'um somno escuro e fundo. É um pégo tórvo contradizendo o alegre humor esmeraldino d'aquelas aguas. Não ha ceu sem nuvens...

Santa Comba apinhada n'um outeiro marginal, é como um templo de Baccho no meio d'um arraial de vides: romeiras vestidas de folhagem com enfeites de uvas córadas do sol. E o delicioso vinho que o rio baptisou em nome do espirito, é claro, faz-me sêde de o conhecer. Mas, ai, só a nossa imaginação mergulha os

labios chimericos nesse rubi translucido, espumoso, e precioso, que é a alegria da terra beirôa liquifeita. Assim o *velho Porto* materialisa, em perfume e sabôr, o espirito doirado, celeste e acêzo, que se esconde nas formas fragosas e resêcas dos alcantis do Douro.

Santa Comba, Vimieiro, Cancela, são já lembranças palpitantes e verdes na minha memoria quasi terrena, panoramica, em largas perspectivas de sonho: uma Beira intima, espectral.

X

São João de Areias também lá vae... E a sua ausência, que parece iluminada e harmoniosa de fogueiras e descantes, começa a notar, com tristeza, o fim da Beira Alta.

Os pinheiros emagracem, a terra põe-se amarela; as casas de barro cosido ao sol, vestem a aparência do efémero; e o verde, n'um classico gesto luctuoso, cobre-se de cinza na paisagem que se precipita, escura e em rocha, no Mondego. O rio é lagrima profunda deslizando sobre um cadaver; e alguns pinheiros marginaes lembram cirios abrindo, ao alto, em triste flama verde-negra. A sua luz de sombra extatica escurece o êrmo melancolico dos montes.

Dir-se-ha que a alma da Beira, descarnada, anda a penar n'este trecho solitario e doloroso

do Mondego. Aqui, não é o Mondego das lagrimas de Ignez, camoneano. É um Mondego scismatico, mais intimo, rolando escuridão: liquidos crepes que tapetam o fim da terra beirôa.

A ponte de Tabua liga duas almas: a alma do Norte, verde, montanhosa, activa, alegre e tragica, de granito, e a alma do Sul, amarela e plana, como calda n'uma sincope.

D'um lado, o phantasma heroico de Viriatho; do outro, um vago espectro mourisco. A Lusitania e a Mourama, dando-se as mãos de pedra sobre o rio, fizeram a ponte de Tabua que a nossa velocidade atravessou, gritando alarmes maguantes do silencio gemente dos pinhaes, do silencio etéreo do Azul e do silencio escuro em que o Mondego arrasta as suas aguas pesadas da tristeza ambiente, quasi funebre.

Esta grave e extatica paisagem ficou em desordem, n'um íntimo abalo, atraz de nós.

O automovel corre, com a mesma indiferença, atravez da alegria ou da tristeza das cousas.

É uma divindade fatal, inacessivel á magua que, debaixo das suas rodas, martirisa a alma

de eterno outomno que ensombra certas paisagens, mesmo em flôr.

Subimos. Os outeiros tornam-se planaltos d'um êrmo quasi desnudo, o horisonte mais largo dilata a abobada celeste, e o verde intenso e forte da Beira desmaia enternecido em vagas cambiantes de oiro: uma tinta verde gaio tenuissima, aqui e além, pastosa e escura de pinhaes.

Por milagre, uma choupana feita de terra como as campas, como o proprio corpo de quem a habita, e, como ele, caindo em pó, sem deixar vestigios. Na distancia etérea, alguns corvos desfraldam ao sol do meio dia, o negro crepe da suas azas...

O êrmo é limpo de qualquer presença humana e d'uma crua nitidez esplendorosa. Sente-se que o fére o excesso de revelação. Tem nostalgias da noite e do luar.

A estrada continua a subir, atingindo o Alto da Moita; uma altitude surpreendente, donde, pela ultima vez, se descobre uma vasta amplidão de ceu e Beira. É um subito allivio, uma alegria airosa, a curva imensa d'um relampago verde e rôxo que deslumbra.

Mas logo o terreno declina, interpondo entre nós e os pincares de Caramulo e Montemuro, o seu merencorio vulto de argila anemica e desnuda, com raros pinheiros pensativos, vagos sorrisos de oiro verde em êrmos de elegia pastoril, anunciando a divina paisagem quinhentista, o scenario crepuscular e dôce da nossa antiga tristeza medieva:—a terra da Saudade, menina e môça ainda em Bernardim.

N'este meio de cósmica melancolia amañhecida repousa Espariz, Mourônho e a sua côr mourisca, Seccarias e a sua raiz sequiosa, e serpeia o rio Alva, —nome que desceu sobre as suas aguas, branco e liturgico, da estrela da manhã...

Depois do Mondego decantado como os Deuses, tendo phantasmas de Rainha entre os salgueiros das margens, murmurando n'um leite chimerico e real, onde a areia branca se derrete em profundidades azues de ceu;—depois d'este rio de agua e de imaginação, natural e sobrenatural, dos campos de Coimbra e das estrofes dos *Luziadas*, não sei que ignoto encanto ascende do Alva, desconhecido, sem

legendas que o transfigurem, mostrando a nudez em que nasceu. Tem qualquer cousa de isempto e virgem que se casa ao fulgor madrugante do seu nome.

Arganil aparece-nos, emfim, mais crucificada em ruas que se cruzam, a sofrer o seu velho martirio de abandono. A rua principal é ingreme, e desemboca n'um largo, com um banco publico velhinho, á sombra d'um chorão rachitico, sem agua onde molhar a trança verde... Verde? quasi amarela de sêde, entre zumbidos negros de moscas, pousando, em longos fios dolorosos, na poeira suja e pisada...

Ao lado do automovel que estacou, passa um carro gemente, de grandes bois escuros, magros, quasi caricaturas da fome e do trabalho.

Pessoas, a uma esquina, conversam aborrecidas, fumam envoltas n'uma nuvem de tedio: — um tedio que se condensa em mascara humana... E um velho edificio proximo tem grades de ferro nas janelas e faces lividas que espreitam.

Bois arrastando a sua dôr, prêsos da cadeia, vultos queimando cigarros, uma rua suja e estragada, zumbidos de insectos, mau cheiro e um banco municipal á sombra mendiga d'uma arvore que tem remendos na casca...

É a vila de provincia decadente, estagnada e tediosa, sem vestigios da antiga força e mocidade que lhe construíram os primeiros solares brazonados e ainda belos na sua ruina branca das mãos de cal.

XI

DEIXAMOS Arganil, já com o Ventura da Camara ao nosso lado, alegres da sua companhia e das pitorescas vizinhanças do Mosteiro.

A estrada desce para um vale risôinho, aguarelado viçosos tons de idílio, atravez de montes que vermelham aqui, alem, d'um barro côr de sangue.

A nossa esquerda, abre-se agora uma bela perspectiva que esbarra, ao longe, em pincaros d'un azul macio e triste.

Leis que surge, n'um recanto, encostada a umavelha egreja, a velha casa do Mosteiro.

For detraz d'ela, e em derredor, vizinhas colinas se alevantam, n'um rumorejo d'arvores dens e verde. Só uma espriada larga sobre o pente liberta os nossos olhos que fogem até i serra da Louzã. Mas logo regressam á

amena melancolia do vale, magoado da sombra dos outeiros, que envolve a casa n'uma benção outomnal, n'um escuro alivio enterrecido...

É uma casa antiga, n'um antigo êrmo e n'um silencio antigo. É uma dôce, religiosa soledade, concentradora da alma que se abysma nos seus longes luarentos da Evocação a despontar... A gente vive aqui no meio de phantasmas, etereas encarnações invisiveis da Melancolia nascida do nosso casamento com estes outeiros ensombrados.

Aqui, a sensibilidade da memoria exaggera-se, e reproduz imagens que nunca vimos; como que extráe d'um outro mundo a materia das suas recordações. A nossa natureza humana orça a barreira animal que a aprisiona, e vôa n'um Infinito povoado de saudades misteriosas vagos contactos dispersos e espectraes da presença de Deus... e talvez Deus, definilo e vivo, para aquele, cuja luz do olhar é immaculada...

Retiro saudavel dos monges de Coimbra, em outros tempos, a casa do Mosteiro é hoje

o místico retiro de duas Almas de eleição, consagradas á Arte, á Beleza e á Bondade.

E uma d'elas aparece á porta entreaberta, chamada pelo ruido do auto que estacou, alegre e poeirento, n'um terreiro espaçoso, á sombra de venerandas arvores familiares.

Subimos as escadas d'um páteo, e entramos n'uma ampla sala que é um museu.

Todos os objectos preciosos: velhos quadros a oleo nas parêdes, antigos moveis, *bibelots*, estatuetas, desenhos, surgem á nossa curiosidade, iluminados pelo gôsto do Proprietario. Nós vêmo-los á luz da sua alma que os dispôz n'uma ordem, ou antes... n'uma desordem harmoniosa e característica. E sendo marmores esculpidos, telas pintadas, barros modelados, lembram a materia prima d'uma segunda obra de arte que é o seu conjuncto especial, a sua fisionomia colectiva, uma outra vida mais abstracta que eles vivem...

Ventura da Camara mostra-se logo, em espirito, na bela sala de entrada, embora estivesse ainda no terreiro, acariciando o seu velho amigo, quasi cego, alto, esbranquiçado,

sobre quatro patas. Que importava? O meu sentimento quixotêsco preferia o Ventura phantasma, surgindo, nubloso, neste ambiente de Beleza e penumbras tutelares.

E quando passei ao atelier e vi os seus lavôres em marfim, ouro e prata, e as figurinhas de mulher e de creança que o seu delicadissimo buril tirou da materia informe, a suggestão de beleza recebida veio confirmar a que eu senti perante o arranjo expontaneo, trahindo um plano inconsciente, d'esse pequeno museu que é a sala nobre.

O Ventura da Camara é, antes de tudo, um ourives: a arte bizarra do arabêscos, florindo, a golpes de buril, a dureza fria dos metaes.

E florir quer dizer: vida e beleza que surgem, n'um assômo instinctivo, ou das entranhas da alma ou da terra. E como a terra no abril, o Artista é um expontaneo e um bizarro, pelo imprevisto dimanante das suas concepções directas que trazem, na sua força eruptiva, o cristal em que se condensam.

No artista verdadeiro, a forma nasce da emoção; brota de dentro d'ela e com ela. Não

é um vestuario imposto ao pensamento, é a pele viva que ele traz do ventre materno.

A minha curiosidade comovida contemplou depois o arranjo caprichoso d'esta sala-officina, votada a um certo desleixo sintomatico de preguiça, que é a doença dos Artistas.

A luz exterior penetrava a medo pelas vidraças, como esquecida de haver alumiado este ambiente sereno, esquecido tambem dos tumultos da alma em crise fecunda. A luz entrava receosa, mal difundindo a sombra ali arrefecida ha muitos mezes.

Subito, fez-se um estranho alvor deante de mim. Parei, atónito do milagre. A divina aureola, suspensa da parede, definiu-se. Era um retrato, obra prima do Salgado e da Beleza; do Copiadôr e da Cópia:— a véra efigie da extremosissima Esposa de Ventura da Camara, alumando e animando a penumbra e o abandono do *atelier*.

Depois, lancei os olhos sobre uma larga meza de pau preto; ferros ferrugentos em desordem, esboços de figuras e flôres, tristes e resentidos, como engeitados. Ha um encanto

especial na imperfeição das cousas, pela beleza increada que elas deixam presentir. O que lhes falta, anima-as duma vida invisível e superior. Pode mesmo dizer-se que a vida d'uma obra de arte, aquilo que a perpetua na memoria, está mais nos seus defeitos que nas suas expressões impecáveis. A obra esterelisa-se e morre na sua perfeição e irmana-se nos erros á propria Natureza, que é o vulto cósmico e sem fim do Indefinido e do Imperfeito (1).

Por isso, os meus olhos pousaram com demora n'aquela lamina de prata a florescer, n'este bloco de marfim a humanisar-se...

Em seguida descobri debaixo da meza, duas grandes garras de elefante. Causaram-me aquele vago receio antiquissimo que eu senti, ao trilhar

(1) No meu livro em preparação — *Os outros* — desenvolvo este meu pensamento, enunciado nos seguintes versos do *Regresso ao Paraizo*:

O homem é anormal na criação...
 É uma caricatura, esboço informe
 D'uma cousa, d'um ser que bem se vê
 Que poderia vir a ser beleza!
 A Beleza possível... a Beleza
 Irrealizada e morta—que é o homem!

na sala de visitas, a pele diademada d'um leão. Estremeceu alguém no meu sêr; alguém que lutou, outrora, contra as fêras. E se os meus olhos viram sómente aquelas duas armas terriveis que se tornaram inofensivas, outros meus olhos mais profundos viram tambem o elefante... e quem sabe se no circo romano, sob a esmeralda de Nero?...

Todavia, elas eram, na realidade vulgar, uma simples materia prima de possivel Beleza futura. Perdidas do seu antigo destino temeroso, talvez sonhem a redempção, o resurgir para uma existencia superior á do elefante... Talvez desejem forçar a forma inerte que as afflige... Talvez queiram sair do dinheiro bruto do seu pêso, e ser flôr, corpo angelico, perfil de virgem...

Mas, ai, o Ventura não as ouve!

Os ruidos industriaes da sua machina, movimentos ligeiros de rodas, os dentes de aço roendo, sôfregos, tóros e tóros de pinheiros, todo aquele meio estridulo e rodante, hipnotisa-o, anestesia-lhe a melindrosa sensibilidade, que é o esplendor e a chaga do Artista.

E assim se compreende que um homem, nascido para a Beleza, se atire aos braços da Industria. Se o genio da Arte é uma doença, ele encontra na Industria o seu remedio.

Por isso, o Ventura da Camara nos precipitou do *atelier* ás funduras plutonicas da sua officina! E, muito interessado, nos mostra os operarios n'um vae-vem, a ferrea machina a vapor, as visceras do seu metalico organismo articulado ás tiras de couro que transmitem vertiginoso movimento a serras parodiando o Infinito — um infinito que devora pinheiraes.

E eu digo: vêde o pessimismo da alma cansada de sonhar e que encontra, afinal, um novo motivo de ilusão nas formas da Realidade mais tangivel. Porque, o homem é um sêr condemnado ao sonho por todo o tempo da sua vida.

A moderna embriaguez industrial resultou, por contraste, do velho romantismo.

Arte, Industria: ambição de crear beleza, ambição de crear dinheiro, representam a eterna tragedia da Alma escandalisada do seu conubio com a Carne, tentando distrair-se, fugir de

si mesma, do seu remorso, para qualquer cousa que se interponha entre o seu desejo de immortalidade e o seu mortal destino.

Se o romantismo foi o aspecto vaporoso e luarento da nossa Magua, a industria é o seu perfil de ferro. Depois de Schiller,—Bismark. A febre creadora de Beleza trouxe o delirio do Lucro. E tal delirio trouxe a Guerra, que é ainda a alma humana a procurar a Distracção, n'um desespero. A morte voluntaria é, muitas vezes, um processo de fugir á morte...

Quando deixei a officina e penetrei no interior do velho Mosteiro, senti um alivio. Entre o silencio pessimista do *atelier* e o ruido pessimista da officina, está situada a casa, a região neutral e feliz; o templo e a sua imagem tutelar: a Esposa, talvez a unica palavra que, entre nós, não perdeu ainda o seu divino sentido.

Alegre d'este ambiente espiritual, passiei n'um largo corredor, entre janelas que se abrem para um atrio e as portas de antigas celas recatadas, com antigas camas de ébano, velhas gravuras nas parêdes, e uma vista êrma

e verde, sobre colinas ingremes, tão altas, escondendo panoramas vastíssimos, d'uma extensão saudosa até ao mar.

Quasi noite. Um vago lilaz indefinido abre vagas petalas de cinza na soledade do Mosteiro. A tunica de Christo, doirada e rôxa, pende dos altos cômoros vizinhos que se abysmam em pantanos de sombra. A torre da Igreja desmaiára no crepusculo. Era um sêr confuso e comovido, represando, no seu peito de pedra, as lagrimas de bronze do *Angelus*... lagrimas que, de subito, irromperam, ecoando melancolicamente no silencio...

Que soledade, em volta de mim! Eu atingira este estado de alma nubloso, em que o nosso sêr parece difundir-se na Nevoa originaria e identificar-se ao éther indefinido, cheio de estrelas e de sombra...

Eis o perfeito alheamento, afinação melindrosissima da alma sensível ao contacto do Infinito. E o silencio de abstracção em que ela cáe, traduz a verdadeira prece ao Creador, porque é uma prece universal, de todas as creaturas, rezada em nós...

Um canto de ave nocturna dirigiu os meus olhos, já acordados, para a ingreme colina, d'onde se avistam largas planicies verdejando até ás scintilações do ocaso sobre as ondas.

Senti desejos de a subir, de me perder na espessura frondosa das suas arvores... Ah, como elas devem encher a velha casa, pelo inverno, de estranhas musicas gementes, n'um diluvio de sons e lagrimas!

Aqui, as noites de temporal devem ser phantasticas de profundas sonoridades dolorosas: beethoveanas composições do vento nas ramagens, sublimes *nocturnos* chorando, passando em ondas, pelo ar. Que vale sombrio e rumoroso! Que scenario para as operas do inverno!

D'aquêle alto vê-se o mar!

E com esta fraze cheia de agua e d'amplidões brumosas, a percutir-se em meus ouvidos, recolhi á minha cela, phantasmatico e disperso, como se eu fôra, em sombra e contemplação, o antigo monge que a habitou.

Estamos em pleno estio. Lá fôra, cantam os sapos, doirando o escuro de tristezas. Dentro

da cela, apenas se ouve um zumbido de môsca, solitario e perdido: um z esparso no ar... E uma frescura levissima, entrando pela janela aberta, é o silencio do vale, em emanação de simpatia, que me procura... Entre mim e as cousas medeiam vagos entendimentos de alma. Conhecemo-nos desde a Origem. Ó arvores, ó vento, ó noite, se vós soubessey lêr?!

Deitado em precioso leito de ébano, contemplo velhas gravuras, nas paredes: Anna de Austria recebendo embaixadores; Pio IX, de liteira, trepando ingreme córrego dos Alpes, d'onde se descobre a Campania; uma vista encantadora de Napoles, entre o beijo azul do mar e a ameaça negra do Vesuvio; um panorama das costas da Inglaterra: nevoentas fragas altissimas sobre ondas tôrvas que se agitam e as velas d'um navio, bêbadas de vento, aos tombos...

Fico esquecido a olhar estas gravuras. Como elas vivem uma vida estranha, insinuante, realçada pelo tempo que as desbotou e amarelou. O perfil de Pio IX persegue-me... quasi fala... Atráe-me a bahia de Napoles, e perco-me,

depois, na bruma esbranquiçada e fria, a esfarrapar-se nas arestas fragosas do litoral inglez...

E já o somno, ao baixar às minhas palpebras, traz consigo o repouso, a inercia, o esquecimento, um vago não-sêr em que me afundo, irmanando-me áquele ramo de arvore que, atravez da janela, eu mal descubro a sumir-se na penumbra... Sinto partir-se-me o fio da existencia; adormeço, caio nos braços d'essa morte com entranhas, que é o somno.

Logo acordo intimamente. Abro os olhos intimos, e vejo... sonho que divago pela antiga casa do Mosteiro e arredores... Nem dormindo, deixei de vêr, n'um encanto de melancolia, este dôce retiro de duas Almas, este êrmo saudoso e sombrio entre colinas virgilianas de ecloga triste, com uma abertura verde que se espraia, e se eleva e azulada no poente, e é a serra da Louzã.

As 7 horas da manhã do dia seguinte, 16 de Agosto, já o dr. José Vahia, em mangas de camisa, limpava e engraxava as engrenagens do auto, no meio do terreiro, frêsko da brisa matutina e da sombra das arvores.

Aproxima-se a hora da partida.

A sr.^a D. Amelia de Macêdo, em *toilette* de viagem, dava as ultimas ordens ás creadas, mal escondendo, no seu ar grave e discreto, o desejo ancioso de voltar a vêr sua Mãe. Também ela a esperava, com os olhos nos ponteiros quietos do relógio. *Quem espera, desespera.* Esperar é sentir o tempo imovel e pesado... Esperar é doloroso... e alegre, porque a esperança representa qualquer cousa do nosso sêr que se liberta e corre ao encontro da pessôa desejada. Abraça-a, muito antes de nós...

O Ventura, saudoso do seu velho *Hoche*, acariciava-o; via n'ele um grande bloco de marfim animado pela sua inspiração. Mas era da raça dos mortaes, um quasi cego e já trôpego descendente dos *lobeiros* dos Herminios, latindo, em noites mortas, como os seus remotos avoengos, sentinelas de Viriatho que espiavam a marcha traiçoeira dos romanos.

Tinha grandeza, á luz d'esta lembrança, o velho cão deitado sobre as patas, volvendo a nevoa dos olhos ao vulto querido do Amo e... Deus, segundo Maeterlink.

«—São horas de partir! É tarde!»

A sr.^a D. Amelia aparecia e desaparecia á porta de casa e o seu branco veu de viagem, fluctuando. Eram ordens, conselhos, disposições que remediassem o mal da sua ausencia.

Eu sentára-me á sombra d'uma velha *mimosa*, fixando os ultimos olhares no Mosteiro e na egreja fundada por Santo Onofre, misteriosa creatura, sobrevivendo em santidade,—a substancia mais imaterial que existe, creando a mais vaga apparencia de phantasma... Santo Onofre! Nome exotico, de som antigo e

poeirento, abafado nas paginas de alguma velha chronica esquecida. Nome fabuloso, nome de ninguem, talvez... Santo Onofre!...

Ele tenta dissipar a nevoa que o esconde... mostrar-me o seu rôsto amarelo do jejum e os seus olhos melancolicos, profundos de visões divinas. E quer mostrar-me a sua alma, asctica e sombria: intimo altar desnudo, com uma cruz. Quer empecer-me, que é o desejo phantastico dos mortos... Ele? Não. É a nossa piedade de simpathia, o nosso poder miraculoso de memoria.

Santo Onofre, as grandes arvores que rodeiam o velho Mosteiro sagrado de soledade, as vizinhas colinas visajando o espirito nubloso dos êrmos, adormeceram-me a ideia de partir.

O Pedro de Macêdo, distinto clinico e distinto caricaturista da palestra, ouvia um serrano pastor queixar-se d'uma ferida n'um braço. Era um homem alto e magro. A solidão e o silencio montanhez trabalharam-lhe o rôsto bronzeado pelo sol. Falava em breves frases desajeitadas, por falta de uso, e pitorescas de frescura e intacta sensibilidade.

A sua queixa como doente ampliou-se, tornou-se n'uma queixa imensa como homem. Descreveu a sua vida de pegureiro:— esse monotono e vagaroso drama de melancolia, em scenarios altissimos de silencio, fraga e urze. Era uma alma agreste, primitiva, quasi fechada no seu botão primaveril; mais um sentimento que uma alma, um sentimento de abandono e penuria difuso no vago brumoso das distancias...

Quasi a biografia d'uma arvore.

O José Vahia, atraído pelo pastor, deixára o automovel com as tripas ao sol. Eu deixei o banco de pedra; e o proprio Santo Onófre saiu d'um tumulto que tem seculos de fundura, e esboçou, em volta do velho pegureiro, a aureola da sua sombra lendaria.

Mas o Ventura continuava a afagar o velho cão montanhez, caído na existencia plana e extatica do vale, com as pupilas sem luz, negras d'um phantasma enorme de serra.

Por isso, nas suas orelhas perpassavam rápidos sobressaltos; erguia o focinho atento; um ar de alerta firmava-lhe a attitude ameaçadora.

Que seria? Alguma herdada sombra de lobo es-
curecendo-lhe a memoria... Afinal, um ruido,
uma voz, que lhe despertava, alucinando-o, o
instinto de outras eras.

Chegára, emfim, o instante da partida. O
motôr atrôa o terreiro, assusta as arvores vene-
randas e as creadas que espreitam e dizem
adeus das janelas.

Um grito da siréne, um abalo, um estremeci-
mento de todas as cousas em redor, um erguer
de poeira, uma explosão que nos impele, intac-
tos, no sentido branco da estrada.

Voltamos a percorrer a região desde Arganil a Tondela.

Adeante de Canas, seguimos no rumo do
ocaso, opôsto ao de Viseu. Passamos por S. Mi-
guel, Fermilhão, Figueiró, lindas povoações da
Beira que florescem, multiplicando as suas pe-
talas de pedra nova, no meio de ramilhêtes
de verdura. Por toda a parte, vastissimos mi-
lharaes a rir ao sol do meio dia, ou densas
cohortes de pinheiros avançando, em columnas
cerradas, sobre os quatro pontos do horisonte.

O êrmo das terras d'além Mondego, aqui, na Beira, é solidão.

Os aspectos másculos e sadios d'esta paisagem povôam-na de vida e alegria. A nossa alma vê-se acompanhada; não se concentra; distrae-se. A solidão adora o sol, o canto dos passarinhos e as grandes altitudes de granito. Alégra e revigora a alma que se firma nas suas próprias qualidades. Na solidão, o sonho vago define-se, encontra, por assim dizer, o sentido geometrico da sua cristalisação. Prepara-se para a lucta.

Ermo não quer dizer apenas ausencia de creaturas; resulta, sobre tudo, da tristeza, da doença intima da paisagem que a amarelece e espiritualisa. No êrmo ha um silencio de côres fanadas; um rôxo vago, a esfumar-se, que nos magôa os olhos abstractos, sem direcção aparente, porque incidem sobre cousas invisíveis.

O êrmo adora o luar, o silencio, o desmaio das planuras. É fonte de tristeza dispersiva. No êrmo, os nossos sentidos adormecem, dando ás impressões recebidas um nubloso que as in-

define e desmaterialisa. Como sômos essas impressões n'uma unidade activa e consciente, atingimos assim o mais perfeito estado espiritual, espiritualizando tudo. Nós e o mundo formamos uma só alma perdida no Mistério ou absôrta em Deus.

Mas o verde intenso e as fontes a cantar afastam os êrmos d'além-Mondego e fazem as solidões da Beira.

De todas as partes do ceu, caía a luz, em tão continuos jorros de esplendor, que fiquei surprêso de a não ver crear, aqui e alem, fontes, cascatas, lagôas de oiro. Andava um fogo esparso no ar palpitante de vibrações azues de transparencia. As suas flamas beijavam, sem de leve as macular, as verdes tonalidades da paisagem. Era um fogo que fazia rir as cousas, despertando gargalhadas subitas nas fontes, bailando esplendorosamente á superficie das aguas quietas das reprêsas, refractando alegrias na folhagem brunida dos milhos.

Mas, n'um instante, quando o auto parou

em sitio inculto e descoberto, a poeira que o envolveu, lembrava fumo a evolar-se da terra queimada pelo sol. O azul extatico refulgia ardencias, pousando-me, quaes mãos de lume, sobre a nuca. Os raios solares mordiam-me a pele, sugavam-me o sangue, e eu sentia o corpo a resequir-se. Nem um scintilo ou marulho de agua! Só, ao longe, um milharal tinha o verde circular d'uma lagôa; e, á nossa direita, uma tribu escura de pinheiros, sem um gesto nem um murmurio... Um scenario da Sêde! Oh a imagem da agua perante os olhos, da sêde! Sinto um renascer de velhas taras mouriscas. Um outro sol deslumbra-me, de longe: remotissimo sol da Asia que ainda fulgura phantasticamente no meu sangue. Um bronzeo espectro de albornoz ergue-se em mim, acordado pelo canto que, em labarêdas de oiro, rebôa nas marmoreas abobadas do Azul. E a sêde abraza-me os labios; uma sêde tambem secular, beduina e poeirenta, que põe zumbidos de febre em meus ouvidos ancestraes. O homem do Norte ignora esta sêde portuguesa; esta sêde real, pelo calor presente, e phantastica e profunda, pela segura

herdada do deserto. Por isso, nós bebemos aguas passadas.

Assim, aos primeiros arripios do outomno, outras târas despertam no meu sangue. Perco-me no sonho vago e nubloso das almas viúvas do sol. Phantasmas louros levantam-se redivivos d'este tumulo que sou. Tumulo? Cemiterio onde jazem as raças, varias almas confundidas, luctando cada uma pelo predominio da sua fisionomia. Lucta obscura, mas fecunda para nós, que d'ela recebemos a expressão activa e moral do nosso sêr. O corpo exiguo do homem verga sob o pêso da Humanidade. Sômos cariátides suportando a vida e a morte.

E soffri uma certa humilhação, ao vêr-me dominado por esse povileu de phantasmas, no qual vivi, anónimo e sem presença, muitos seculos antes de ter nascido.

É possivel que agrade ao leitor a descripção d'estes fenomenos misteriosos da Hereditariedade ou, melhor, da Fraternidade que liga os mortos aos vivos de tal forma, que é difficil distinguir, em nós, a carne, — da sombra, *o mesmo, — dos outros.*

O leitor, por mais vago e illusorio, deve estar cansado da viagem célere e estridente, ao longo de paisagens que vôam em doidas revoadas de arvores. Mas não podemos ficar aqui, debaixo d'este sol, a magiciar...

O automovel abalou, e o ar, movendo-se no ar, refrigera-nos o rôsto encandecido. Passa um vento que dá sombra, um alivio que nos envolve em contactos de frescura. Respira-se! Ah, que bom! Eu te abençoô, ó machina de ferro com brandos pés de borraça! Roubaste-me aos braços do calor, que me queimavam, e quebraste as cadeias de inercia e pêso que immobilisam as pobres cousas da Natura, agrilhoadas não sei porque delicto...

Ês um Lohengrin libertador, gerado no seio das fabricas ruidosas, fumarentas e negras, na quietação quasi verde e feliz dos arrabaldes. Trinta kilometros á hora! Corremos... voamos, rastejando... Sente-se o primeiro impulso do avião. Mais um esforço em duas azas de lôna... e deixariamos a terra!

Quando é bela uma paisagem, não ha desejo de a trocar pelas alturas. O ceu emanou

dos logares feios e dolorosos do mundo; é filho do Deserto.

Eis porque prefiro, em terras lusitanas, sobretudo, viajar em automovel, — esse passaro implume que quer voar e... corre.

E corrêmos atravez d'uma região alegre, que tem arvores, verdura, fontes de agua cheias de sol como os olhos das creanças. Queirá passou invisivel entre campos de milho e pinheiraes.

Ergue-se agora um outeiro, argiloso e pálido; nódoa de ermo na solidão beirôa. No rôsto granitico e forte da paisagem, afloram manchas de melancolia, de vez em quando... São misteriosas tristezas vindas do éstro da Terra.

Instantes depois, a estrada começa a descer para um val fertilissimo e quasi nocturno de grandes arvores seculares. N'um alvoroço, presenti a vizinhança d'algum velho solar, com uma vasta lareira, uma torre enegrecida e, dentro, o espectro do Passado.

E logo ficou, á nossa esquerda, um portico de pedra aberto no muro extenso que veda

rumoroso bosque venerando. Para além da alta grade de ferro, ha dois mirantes recatados na penumbra das ramagens. Passa entre eles um caminho que liga o portico á antiga casa senhorial escondida pelas arvores... Antiga?...

Assim a vi á luz da imaginação que domina sempre a luz do sol. O que ela mostra, sobrepõe-se á realidade escravizada, como sendo a mais nobre e sublime das realidades: — a Realidade.

E, quem sabe? talvez eu construísse musgosa torre de alvarrã sobre um novissimo chalet côr de rosa... De resto, eu não encontrei, áquem Mondego, qualquer paisagem saudosa e êrma, com ruínas ao sol-pôr: um scenario adequado ás tragedias do tempo.

Depressa, regressamos á paisagem habitual da Beira, alegre de mocidade tão viçosa, que as fragas nuas dos montes e os troncos carcuidos dos velhos castanheiros, perdem-se no seu fertil esplendor. A graça virginal das macieiras floridas, espalha, por toda a parte, o riço e a luz dos verdes annos.

Continuamos a correr, entre a verdura e o

sol, na direção do acaso e do mar. Sômos almas sensíveis e viventes, na embriaguez da velocidade arrebatadora que pulverisa o espaço! Vêmos passar, qual relampago estonteante, as velhas demoras nas paragens consagradas, as velhas leguas que sut iam de vagar os lofigos outeiros, que deslisavam, num torpôr afflitivo, atravez da extensão monotona das planicies...

As grandes distancias de outros tempos, sumiam-se debaixo das vertiginosas rodas do automovel.

A nossa sensibilidade, creada de acôrdo com a evidencia tangivel e fatigante cõ espaço, estranha este seu novo modo quasi alado. Sente-se diante d'um milagre transfigurador do mundo; e sente que tal milagre lhe accelera tambem o expandir das suas energias. A vertigem da velocidade vae-se transmitindo á alma que se renova. Os sentimentos criam azas. O terreno em que eles caminhavam, converte-se n'uma atmosfera onde principiam a voar. A dor, o amor, a tristeza e a alegria, extaticas luzes que a nossa carne alimentava, serão relampagos varando a noite da nossa existencia, reve-

lando os seus confins siderios, já palpitantes de Deus. . .

Mas contemplemos a paisagem, que é contemplar ainda a alma na sua escura e brumosa manhã de terra... Como é estranho, impressionante, o encontro dos nossos olhos com a paisagem! Este arrebatamento que nós causa a aparência do mundo, é um instinto de cósmica fraternidade exaltado. É remotíssima lembrança que se ilumina em nosso sêr, e se lhe substitue por um momento: a lembrança da sua origem. Deante das nuvens, das montanhas, das arvores, sômos, d'algum modo, nuvem, arvore e montanha. É um regresso ao Bêrço, ao Eden...

O amor á Natureza resulta do nosso progresso moral. O sentido da paisagem é moderno. A alma teve de evoluir durante seculos, para alcançar um sentimento claro da sua infancia. Por isso, a saudade de hoje penetra no mais longinquo do Passado, integrando-o em nós.

Além da lembrança magoada da infancia individual, desponta a esplendorosa lembrança

dos nossos tempos de terra e ceu. Ha lagrimas de saudade que já trazem, de dentro da nossa alma, a luz do sol e a sombra da terra florescida.

Penetramos, agora, n'um vale aspérrimo, cahotico de penedos que se amontôam nas encostas. A terra fertil dos campos ergue-se, em volta de nós, como fulminada e escura d'algun castigo de Deus. Cada rocha é o busto d'um remorso, a estatua d'um peccado. . . E todas correm ao nosso encontro, murmurando extranhas súplicas. Dir-se-ha que bailam, doidas de sofrimento, n'uma embriaguez de terramoto.

Lá em baixo, as aguas da Ribeira Má contorse-se feridas do contacto áspero das margens. Lembram lagrimas de penitencia, negras e duras de reflexões fragarosas. Ora rebentam em lividas flôres de gêlo, ora se recolhem, n'uma quietação silenciosa de fundura.

Têm vozes de *almas penadas* em noites de temporal, e risos de Bruxas despertando na alma popular o sentido do Mêdo, aquele olhar interior que vê phantasmas.

Depois de havermos atravessado a ponte que tem o nome delinquente da ribeira, quando infletimos sobre a esquerda, a plutonica paisagem dissipou-se. Oh, que admiravel contraste! Agora, o vale, á nossa direita, é imenso e verde, subindo, além, até aos pincaços da Grelheira e Caramulo, abrindo-se, para sudeste, n'uma grande amplidão, até S. Pedro do Sul, e rasgando, no sentido do mar, uma larga passagem ao Vouga.

Dominando este vastissimo panorama, encontramos Vouzela, tão alegre e airosa, toda pintada de sol! A pequena distancia, eleva-se um alto cume tutelar. Nossa Senhora do Castelo vive ali, na sua ermida caiada e refulgente, risonha de bandeiras fluctuando, ruidosa de foguetes, barulhenta de povo em dias de romaria, quando o metal sonoro das bandas parece volatilisar-se no Azul, em revoadas de som que o vento leva.

O amarelo e o vermelho das mulheres, engastam-se, com violencia, na côr parda dos homens. Os bailados e os descantes redemoinham, poeirentos, turbando, aqui e alem,

uma larga superficie movediça de lenços e chapéus. Vultos mortificados de velhas, figuras marugantes de virgens, cumprem *promessas* no adro. Trazem offerendas que vão depor aos pés de Nossa Senhora. São pernas, seios, braços, mios de cêra: ingenuas esculpturas de *milagres*.

E sobre a comedia pagã do arraial, o sol bilha contente do espectáculo, e o vento, guloso e sôfrego, devora o som metalico das bandas, as cantigas dos bailados e o estrondo celta dos tambores.

Vêde a pintura invocada do automovel que, na sua furia de correr, nos afastou de Vouzela e da sua Virgem tutelar, altissima, n'aquelle esvelto cerro modelado pelo genio do tempo.

O vale do Vouga não se abre de todo ainda. S' idealmente se tocam as duas encostas, formando um vertice illusorio que nos esconde o verdadeiro leito do rio.

A estrada segue, por emquanto, a grande aura, batida do vento claro, estonteada de

vastos panoramas verdes que se indefinem e azulam, na distancia. Milagres do Sol, na sua esplendorosa passagem pela Beira!

Afflicto de ver arvores, casas, outeiros, planaltos vizinhos, n'uma correria constante, em volta de nós, descansava os olhos no sereno e moroso deslocar do horisonte longinquo. E faz bem á nossa alma contemplar os largos panoramas, sentir as primeiras vertigens do Infinito,—o que é já ensaiar em vida o grande vôo da morte.

De vez em quando, uma rápida curva nos entranhava nas anfractuosidades arborizadas que rasgam de alto a baixo a encosta, ao longo da qual fugiamos, roncando e agitando, no ar imensa cauda de poeira...

Mas logo, outra curva nos dirige no sentido airoso e amplo do Vouga. Eram sucessivas entradas na penumbra e saídas constantes para a luz; como que um abrir e fechar de olhos sobre paisagens vastissimas da Beira.

Um alarme da buzina, o mundo que se fecha entre duas filas de casas (Oliveira do Bairro), a estrada já descendo para o rio, uma

arvore frondosa, uma bela sombra,—e o auto, quasi de subito, estacado.

Almoçavamos, quando surgiu, a pequena distancia, um vulto airoso e virgem de donzela: elegante silhueta recortada no esplendor do dia.

Era uma pastora de ecloga camoneana, em presença viva, ao pé de nós. Cançada da sua existencia monótona nas paginas d'um livro sem leitores, emigrára para a vida luminosa d'este vale...

Vendo-nos, afastou-se, ocultando a dôce imagem bravia, quasi infantil, do rosto.

Mas que português resiste a tal aparição? Tudo esquecemos dos *Luziadas*, excepto a *Ilha dos Amôres*.

O José Vahia foi logo ao encontro dela:

— «Se a menina nos pudesse trazer agua?!»

Pedir agua a uma virgem, em terra extranha, é, na verdade, um quadro biblico. Lembra Rebecca e o Estrangeiro enviado, Jesus e a Samaritana.

Quando o José Vahia regressou com a divina promessa, ficamos, por assim dizer, n'uma

exaltação religiosa. Esperavamos, como quem espera um milagre . . .

Ei-la, ahi vem, depois de instantes seculares! Será ela?... Não! É uma pobre velha, de cántaro á cabeça!

E já se aproxima a sorrir, talvez consciente da sua condição de feia metamorfose da Beleza. A velhacaria do povo!...

Deu-nos da agua do seu cantaro, ficou-se encostada á arvore, curiosa das nossas pessoas caidas ali, d'uma nuvem barulhenta de poeira que vinha correndo pela estrada.

Tinha ela um tipo autoctno, pardo e baixo, indeciso, como estas paisagens nos tempos remotos da Iberia.

O saxon e o arabe vieram depois revelar, em nitidos caracteres, a raça indigena e obscura que nasceu da sombra misteriosa d'estes vales.

Interessou-me o ar antigo da mulher, bem mais antigo do que ela! A sua mascara moldada em remota argila lusitana, falava-me n'uma voz que eram vozes mortas resurgindo. Descreveu romarias, a sua vida de solteira, e

mostrou-me, nas serras do horizonte, o risco branco dos caminhos que percorrera, quando môça. E os seus olhos encovados perdiam-se nos longes luarentos da sua infancia...

Falou da sua pobreza,—o assumpto apaixonado dos pobres. Lastimou-se, como toda a alma, debaixo do sol:

«Ai de mim, velha e pobre!»

Uma restea de luz, atravez da folhagem, caía-lhe no cabelo. Era a alegria das cousas a enfeitar a dôr humana...

A dôr humana comove as cousas; e mais nos queixamos a elas que aos nossos semelhantes... Quem sofre, não ama a solidão?

E a pobre mulher contou ainda anedotas de aldeia, scenas da vida, palavras banaes na apparencia, mas profundas pela antiquissima intoação de voz que as animava. Ha frases cujo sentido etéreo está na sua musica, nos labios de quem as pronuncia.

Seduziu-me a linguagem da pobre velha, moldada em nublosos sons. Pela sua bôcca falava o Passado,—a Sombra dos mortos. Era um tumulto alvoroçado de intimas resurreições,

falando... A fonte da nossa Lingua a cantar, deante de mim.

Toda a sua velhice emanava crepusculo, aurora, luares primordiaes. As suas palavras coloriam-na de infancia, cristalisavam-lhe na face em tons primaveris.

Transfigurava-se, no clarão do Passado redivivo.

Ela era ainda, afinal, o sonhado vulto da pastora, aparecendo-nos atravez da sua ausencia...

Mas, dentro em breve, o auto continuou a correr. E lá ficou sósinha, n'um adeus turbado de poeira, a pobre velha cheia de tempo e cisco e penumbras ancestraes. Lembrava uma estatua primitiva e carunchosa, feita em pedra de Montemuro por um vago artista das cavernas.

Logo uma curva da estrada a sepultou...

XIII

DEPOIS de Espindêlo, vimos abrir-se o vale do Vouga, até ao intimo do seu coração já tocado da primeira sombra do crepusculo. O rio tinha mêdo á noite que derrama nas aguas tudo o que ela tem de mais negro, misterioso e pavoroso. Só os rios e os lagos sabem reflectir o tragico insondavel da noite.

O piar do môcho e os tercetos do *Inferno* são feitos de agua nocturna: a treva em liquidós acordes profundos...

Mas o principio d'uma tarde estival espalha um encanto de melancolia na paisagem, que, mais fraterna, se aproxima de nós. Como o Evangelho encerra divindade, o crepusculo encerra humanidade. Lembra a sombra infinita d'um homem alevantada sobre o mundo. Todas as cousas se humanisam, desde a arvore

ao penedo. Diluem-se n'uma tal suavidade triste, que a nossa alma encontra, fóra do nosso sêr, a intima harmonia em que ela reza a sua aspiração mais vaga e misteriosa.

D'ahi o estranho encanto melancolico da tarde a evolar-se no Azul.

Ah, como é doce pousar os olhos, feridos pelas fragas de Riba Má, na branda superficie do Vouga!

A superficie d'um rio é tambem o seu leito, que sobe por transparencia á tóna de agua. Os olhos sentem-lhe o contacto, a resistencia que os enleva n'um sonho fluctuante...

O Vouga murmura, á nossa esquerda. Aproxima-se do mar. Emagreceu, espraian-do-se; o leito aflora, aqui e além, suave ainda, em nodoas finas de areia. Não ha pedras que endureçam e magoem o deslizar sensível da sua fluida e verde carne melindrosa...

Apenas, a primeira vela que aparece, adeante, n'uma curva, profana pitorescamente a sole-dade mistica do rio.

Percebe-se que ele vae deixar as solidões da Beira, e perder-se n'um labirinto de agua,

ante a visão famélica do mar. Espera-o a morte, já proxima!

A estrada marginal, plana e bela, deslisa debaixo das rodas do automovel sem um attrito incomodo, sem contactos aggressores da nossa velocidade, quasi etérea.

Mas uma curva sobre a direita, afastou-nos do Vouga e dos ingremes outeiros marginaes.

N'este primeiro assômo da noite, penetramos n'uma região fertil e povoada, que se alonga para os lados do Oceano. São os campos de Aveiro, extensissimos, com velas brancas emergindo da verdura, com incendios de sol-pôr em aguas estagnadas, rãs coaxando melancolias difusas no crepusculo...

Albergaria-a-Velha aparece entre arvores; e, depois, a Nova. Ha fumos de fabrica, ricos edificios, terra pingue.

Corremos. A estrada sobe, e a paisagem augmenta de extensão. Um novo encanto amanece nos meus olhos, conforme anoitece o dia e o mundo vae sendo cada vez mais vasto em derredor.

O sol esconde-se no ocaso, saudoso da via-

gem. Os seus raios perderam o brilho, a forma aguda e penetrante, dissolvendo-se em vagas tonalidades de oiro e rosa murcha. Levíssimas tintas lilazes gangrenam o corpo desfalecido da luz. Chove cinza na imensa verdura em panorama. As côres fecham os olhos n'um somno pardo:—trumosa identificação de tudo. E a primeira estrela começa a trespassar a sombra e a sorrir no alto da infinita magua celeste.

De repente, á nossa esquerda, a paisagem estende-se, em brando declive, até ao mar. O sol, pousado nas ondas, quasi frio, vapora fumos brancos... É o oceano em sugestões longinquas de nevoa, que trazem, na sua turbação alvacenta, a imensidade e o abysmo.

E logo nos aparece, na distancia, um lago de oiro acezo e quieto, entre margens sombrias; e d'ele derivam, em todos os sentidos, longas fitas de prata que reluzem metalicamente no escuro. Parecia uma aranha de oiro enorme, com os tentaculos de prata pousados sobre uma teia urdida em nevoas e penumbras.

Eis a apparencia material do quadro. E como traduzir o indefinido que o amplia, não em

formas da Natureza, mas já do nosso espirito enlevado? Como pintar a cósmica imagem dolorida em que ele se continua, atravez da nossa comoção? É uma tristeza panoramica a desdobrar-se em tons escuros, manchas de bruma, ausencias de sol pairando em silencios já nocturnos; emfim, a saudade que a nossa alma tem das cousas mortas, identificada com elas, creando a verdadeira paisagem, — a paisagem feita de arvores e lagrimas, de terra e sonho.

O auto deslisava na noitinha; as casas multiplicavam-se; os transeuntes, na estrada, cresciam em sombra e tristeza... O frio, o silencio e a penumbra, palpitantes de formas vagas, passavam num vôo ligeiro: — a solidão da aldeia ja espectral, ou a aldeia a esconder-se no vulto da sua solidão escurecida...

Surgem novas casas. Bemposta e Travanca anunciam Oliveira de Azemeis, quasi cidade: amplas ruas lavadas, córtes de *lautennis*, arvores irrompendo, em assômos vigorosos, por entre belos e grandes edificios.

Agora, uma praça, um templo, uma rua mais estreita; e, outra vez, a paisagem plana e povoada,—a continuação viçosa e fértil do litoral atlântico, bordado, ao longe, no occaso, em areia, espuma e rouxidões crepusculares...

Paramos na Carregosa para acender os faroés. Um largo quasi rural, dominado pela sombra alvacentada d'uma igreja, pessoas que se reúnem, e a cara d'um garoto, espantada e alegre, ante um jôrro subito de luz...

Um grito da siréne, e penetramos na noite já escura. Lampeja, á nossa esquerda, uma casa solarenga, no meio d'um grande jardim.

Voltamos as costas ao mar e seguimos na direção do oriente e das montanhas. A penumbra nocturna, suja de poeira, em volta de nós, phantasticamente redemoinha. É um vento escuro que passa.

O automovel corre, qual monstro absurdo e cruel, esfarrapando e trilhando a infinita delicadeza da paisagem, imponderalisada pela noite. Corre sem piedade, insensível a tudo. Cóspe ruido e luz sobre as cousas que acordam affli-

ctas, relampejando desvarios, n'uma fuga verde negra...

Maguado, contemplo os longes, mais felizes, absôrtos na sua propria indecisão erigida em vagas altitudes, sob o igneo riso frio das estrelas.

Muito na distancia, o facho acêzo d'um foguete espalha na penumbra etérea, lagrimas de estrondosas côres que se apagam. É vespera de arraial n'um reconcavo da serra que principia a subir do norte para o nascente, já entristecido e anemico de intimas claridades lunares.

Atingimos desnudo planalto que domina uma amplidão indecisa, onde os olhos se enevôam.

Descemos outra vez. A estrada branqueja entre fileiras de arvores, fugindo, verdejando, banhadas na claridade crua dos faroes. Latidos de cães preludiam alvôres instantaneos de casas e vultos de homens que se atiram para as valetas.

E, de novo, nos abraça a erma noite, com dois golpes de luz na sua máscara de sombra. Negrejam ramos orvalhados de estrelas. O ter-

reno ondula em altos relevos escuros e negros traços profundos. Um esfumo de paisagem desdobra-se em manchas penumbrosas de silencio. O mundo tem a imprecisa fluidez do sonho. Foi assim que ele surgiu, antes do *Genesis*, na tórva inspiração de Jehová...

XIV

PARAMOS junto da *memoria* de Arouca, antigo arco de pedra sob o qual repousou D. Mafalda, depois de morta.

Esta princeza dos alvôres matutinos da nossa Patria, é muito viva na imaginação saudososa d'estes povos. A sua lembrança tem vindo, atravez dos seculos, de alma em alma.

Era bela e caridosa. Deslumbrou o coração do povo, libertando-se da morte. É ainda amada, como o foi a partir d'aquelle dia do anno da graça de 1220, em que ela bateu á porta do convento de Arouca, divorciada de Henrique I de Castela, com um resplendor maguado na frente a substituir-lhe a corôa real, e a poeira de cem leguas nos vestidos.

Dolorosa de que dôres! internou-se no recato da sua cela. Despiu-se do proprio corpo,

e ali viveu em alma extreme de bondade para Deus e para os pobres.

Desde o dia 1 de maio de 1290, repousam os seus restos mortaes dentro d'um sarcófago de pau santo, guarnecido de prata, n'um dos altares da igreja conventual, — e a sua lembrança, querida e amavel, vive na Tradição.

Depressa abandonamos a paisagem consagrada pelo espectro, seis vezes secular, d'uma Princeza.

Subimos as vertentes da montanha que, muito além, se precipita, em escantilhões de terra, sobre o Douro.

Já deante de nós, se alevantam os primeiros pincaros desnudos. Do mais alto aparece a lua. A noite desmaia. Nublosa transparencia imponderalisa-lhe o vulto negro que se afasta... Como que se dilue em brandas sêdas fluctuantes, palidos tons de melancolia, vaporosas tintas de sonho, suavizando, anuviando os longes somnambulos... As arvores enverdecem vagamente, a estrada é branca de neve...

Penetramos no ondulado êrmo da serra, emergindo mais clara nos altos, concentrando-se mais escura, nos reconvos. Em volta de nós, uma superficie em tempestade extatica e suspensa do alvor merencorio da lua. Suggestões do principio do mundo, sob um silencio de fim do mundo, emanam do livido ambiente montanhoso. Cingem-me n'um abraço phantastico de luar e solidão. Empalideço intimamente. Arrebata-me o espectro da Natureza... Sou nuvem que o vento leva!

Deslisamos atravez d'um planalto, para todos os lados deprimindo-se em abysmos de penumbra. O automovel, n'um impeto suicida, corre na direcção d'um precipicio...

Pairam estonteantes vertigens nesta altitude gelada e deslumbrada. O mêdo, o frio, a palidez, cáem da lua, já alta, como caveira desarticulada do esqueleto monstruoso da serra, que lembra a propria Morte em cósmico relêvo eterno.

As montanhas são elevações de campas, onde jazem os Deuses mortos. Sempre que vejo o Marão, envôlto em nuvens lampejantes, penso no tumulo de Jupiter.

Batidos do luar, do mêdo e do frio continuamos a correr. O planalto alonga-se, interminavel, com aparições instantaneas de êrmos pincaros sombrios. Á nossa direita e á nossa esquerda, cavam-se escurecidas rugas, desenham-se, a carvão, silhuetas de penedos, d'uma tragica densidade na rôxa fluidez do ceu. O luar parecia acumular-se, como neve, no alto das ondulações terrenas, branqueava a urze, sorria triste nas arestas das fragas, mareava a solidão, desbotando-lhe a tinta negra que escorria pelas encostas mergulhadas, lá em baixo, n'uma profunda escuridade.

E sempre um silencio estranho dominando os ruidos metalicos do auto;—um silencio 'que devora os sons, um silencio penetrante, envolvente, quasi corporeo, que parece formar com a terra, as ermas altitudes e, com o ether, o proprio espaço infinito.

O desnudo palôr dos êrmos pincaros, em phantasticos recortes no Azul, o extenso deserto nocturno e montanhoso, a ausencia de sêres vivos, os longes mortos e confusos, todo o grande panorama escuro, em subitas eleva-

ções luarisadas e subitos precipicios negros, reproduzia, na terra, as solidões funebres da lua.

O auto mudara de planeta, e rodava agora atravez dum mundo morto: uma viagem lunar entre o Vouga e o Douro...

Sob a influencia muda e abysmatica da serra, eu sentia a minha alma estremecer, evaporar-se... Era uma nevoa sentimental incapaz de se definir em sentimentos, anuviando e ampliando o meu sêr quasi tão vasto como a noite, — quasi morto.

Vi a minha existencia reduzida a um sonho sonhado por outra creatura. Só quem fôr amado, deve ter uma sensação semelhante de si proprio.

O mundo e a lua confundiam-se na minha visão sonambula. Em volta da serra de Arouca, jazia, em ondas de sombra, o mar escuro do silencio. E os seus cêrros denegridos erguiam-se desmedidamente de fundas cavidades tenebrosas.

A paisagem lunar continuava a terrestre. A morte não continua a vida?

Subito, á minha direita, ouvi latir um cão,

a sentinela do homem. N'um baixo relêvo negrejaram indecisos corpos de choupanas. Confundiam-se com a terra, humildes de penuria na solidão desolada!

E como aquele latido, era a propria voz humana falando-me deste mundo, em plena região lunar!

Mas o sonho chimerico refez-se. Logo a montanha retomou a sua êrma fisionomia dura, cavada em rugas profundas, amarela de tristeza, alterando-se em dolorosas aspirações petrificadas.

De vez em quando, as azas dum passaro nocturno palpitavam na lactea fluidez do Azul, melindrosissimo e sensivel, onde as cousas mais vagas tomam vulto; o sonho dos homens e o das aguas; o anjo e a nuvem.

Rios de sombra nascidos do luar, essa neve acumulada nas alturas, desciam pelas vertentes declivosas, desaguando, ao longe, n'um atlantico de bruma.

Em derredor da montanha tudo era sonho, silencio e crepusculo, espreado-se, n'uma onda circular, até as estrelas remotas do hori-

sonte. Todo o vasto mundo era feito de materia imponderavel; maguas nublosas, formas espirituaes, cingindo, n'um voluptuoso desejo moribundo, a densa cristalisação da serra: marmórea lápide a emergir d'um tumulo de treva.

Corremos sombriamente extasiados. Sômos a propria velocidade que nos leva; sômos a vertigem febril, o arrebatamento alado, atravez d'uma paisagem de desvario, a desmanchar-se em doidos pincaros, no ceu... Sômos a alma que se dispersa e vôa multiplicada em inumeras sensações relampejantes, que só nos deixam na memoria um deslumbramento confuso: a imagem mal percebida do Infinito.

Rasgam-se precipicios á nossa esquerda, quando, n'uma curva, a luz dos faroes salta da estrada e penetra violentamente nas sombras que enchem as profundas concavidades negras.

Alem, já sobre o Douro, esse maior abysmo do nosso rumo, ergue-se um pincaro sosinho, tão alto e ingrême, que faz vertigens contemplá-lo! e, para os lados do nascente, os contrafortes da Grelheira sóbem d'uma depressão escura, em brutas formas soturnas.

E a serra continua em movimentos de ondas, rolando o seu pêso, inercia e morte. Trémulas figurações luarentas desenham altitudes fugitivas, ao longo de planaltos que correm contagiados do nosso impeto ruidoso... O perfil horisontal da serra sobressalta-se, empalidece, minado por um intimo terramoto. É um trecho lugubre de lua que se desmorona e vae cair.

Já negros passaros nocturnos batem as azas piando, como que presentindo o cataclismo — o desabar de toda esta paisagem serrana sobre o Douro.

Corremos para o abysmo, e um vago mêdo nos impele.

Ei-lo que principia a definir-se, mordido, aqui e alem, de algumas luzes que mais revelam a sua tragica fundura. Turbados, começamos a descer. Arborisa-se a terra em escaleiras cultivadas. Ladram os cães. Branquejam casas por entre folhagens de videiras que os faroes pintam de verde. Eleva-se um pinhal sombrio e o precipicio foge á nossa frente.

N'um patamar, Castelo de Paiva dorme e o seu largo silencioso, cheio e logo vasio

do nosso ruído, poeira e claridades deslumbrantes.

Mas, depressa, os meus olhos param abysmados n'uma indecisa amplidão que se abre até ao infinito e se afunda até ao Douro. Deve ser bela e grandiosa, á luz do sol, esta descida sobre o rio a esconder-se agora na sombra que é luar apagado . . .

Lá se vê o Tamega, desaguando, rendendo a alma verde de cristal nas aguas tórvas do Douro. É triste vê-lo morrer assim . . . Tenho pena de ti, ó Tamega! Preferia vê-te morrer ás mãos salgadas do mar!

XV

*

A TRAVESSAMOS a ponte de Entre-os-Rios.
Passamos por um hotel iluminado.
Vimos Penafiel n'um atropelamento
de casas. Foi um pesadelo passageiro.

Depois, Vila-Meã e a linha ferrea.

Subimos o alto de Pildre, e logo o vale do
Tamega aparece, n'um grande encanto noctur-
no, ébrio de penumbra e sonho até ao recorte
longinquo do Marão:

Êrmo altar com a imagem do Silencio . . .

Descemos. Do patrio rio, ainda invisivel, as-
cende uma faixa branca de neblina... É o Tamega
em inundação phantastica de sonho . . . Procu-
ra-nos. Toda esta paisagem é para nós familiar.
Conhecêmo-la desde a infancia. Vimo-la á luz
da lua, á luz das estrelas, ao sol ardente do

meio dia, na rosa afogueada da manhã, no lírio rôxo do crepusculo... Fômos com Ela na tristeza, na alegria, nos seus noivados primaveris, nos seus lutos dolorosos do Inverno. É uma nossa Esposa, uma nossa Mãe, uma nossa Irmã... E, por isso, os seus montes, as suas arvores têm mais expressão carinhosa, mais vida fraterna do que os montes e as arvores estranhas... Não sômos nós que as vêmos, são elas que se nos mostram...

Agora, o vale do Fregim é um povo de arvores correndo. A estrada continua entre pinhaes e campos ferteis, até se perder na larga estrada real.

Um momento, e o automovel solavanca e treme, roncando alarmes, no ladrilho em buracos d'uma rua silenciosa e amarelenta de luzes tristes.

É a vila de Amarante e as duas horas da madrugada, cheias de somno, o rôsto livido, en-voltas n'uma tunica de sombra. Dir-se-ha que repousam n'este antigo burgo turdetano, cansadas do seu eterno giro...

Aqui, o tempo dorme...

Eu e o Alvaro tivemos de concluir a pé, uma longa viagem de automovel. Marchamos trôpegos durante meia legua, pela estrada de Basto. Lá nos ficou, á esquerda, o cemiterio da vila, afogado em sombras de cipreste. Um rouxinol cantava no mais alto e negro. Era um cirio de harmonia a alumiar os mortos.

Agradei-lhe e abençoei-o intimamente.

Vinte minutos depois, appareceu-nos a capelinha de *Nossa Senhora dos Milagres*. Olhei-a com aqueles olhos que me ficaram de creança... Guardo-os para as cousas sagradas!...

Já a sombra familiar dos velhos sobereiros nos envolve, e o vale da minha freguezia se abre n'uma largura indecisa que desce do alto do Ladario até á Ermida da Senhora do Vau, sob a maré brumosa do Tamega...

Percebem-se as casas de Outeiro, lá em baixo. Além, branqueja o presbiterio, onde ajoelhei pela primeira vez, deante de Jesus crucificado. E o pincaro da Senhora da Graça entrevê-se, na distancia.

A sombra em que repousa a freguezia, pa-

rece emanar do Marão, essa escultura em bronze do mar, e do espectro da minha infancia, mais alto e triste conforme vou declinando sobre o ocaso.

Entramos no terreiro, e o perfil da nossa casa desenhou-se, enternecido, como na primeira noite em que o vi, ha mais de trinta annos, pelo sol. E ha quantos, pela minha alma? Eu sei lá? Talvez, ha mais de cem...

Ai dos que vão atravez da vida, com mais pressa do que o sol atravez do Infinito!

Pénetrei no meu quarto. Deitei-me. Apaguei a vela; e, subito, do seu pavio extinto elevou-se, qual mancha de fumo, a escuridão. Encheu todo o ambiente, estrelejada de variaveis tons doirados, ao longo da qual, uma sinuosa fita branca se imprimia... Eram cinquenta leguas de estrada, surgindo n'uma vaga alucinação, em que a nossa consciencia, desperta ainda, quasi toca o mundo maravilhoso dos sonhos... Mas, ao atingi-lo, morre no somno que a sepulta!

Levantei-me no dia seguinte, de manhã. Abri a janela á luz quotidiana, á luz de todos os seculos, de todas as dôres, de todos os pra-

zeres, que doira, n'este instante, a paz da minha aldeia e as margens sangrentas do Mosa; á luz que seria ainda a luz da minha infancia, se os meus olhos maguados lhe não quebrassem o seu antigo esmalte de alegria... Vejo, como ha trinta annos, a casa *do Joaquim da porta*, os velhos loduns e um recorte longinquo do Marão. Das cousas familiares dimanam mil impressões, mil vezes repetidas, que imprimem ao meu sêr a sua attitude habitual. Saio do quarto um snr. dr. sem nome proprio: uma especie de titulo indeciso, simbolo vago, letra morta... Sinto-me aquilo que sou no espirito dos outros. Coincide comigo a opinião dos meus vizinhos.

Eis o regresso ao *quotidiano*, que é tragico para Maeterlink, mas para mim é uma elegia nublosa, magua surda, consumidora, gota de agua a cair de altissima nuvem, sobre nós:— o que morre sob a acção do que mata.

O *quotidiano* campesino é o tempo ôco e leve, desgostoso de si, passando de vagar, com pés de lâ... E o Tempo é a nossa propria pessoa, esse velho orango ferido de alma, cur-

vado da doença que o faz homem... Homem? Já não somos o macaco, mas não somos ainda o homem. Somos miseravel sombra a querer iluminar-se de presença humana.

Somos a nuvem, a alma ondulante de incerteza, onde o Tempo adquire uma vaga figura esfumada em vagos sentimentos nublozos. Somos a melancolia, a saciedade, talvez o instinto da nossa vida casual, fóra d'uma divina Intenção, sucedendo-se em virtude de mil acasos favoraveis, até que a falta, tambem casual, d'um só acaso nos precipite no sepulcro!

Somos a consciencia d'um Acaso desencantado, que perdeu a divindade. E d'essa consciencia desiludida se vestem as horas aldeãs, pobres viúvas tecendo o enrêdo do nosso existir: — obscura elegia em versos monotonos...

Deus, que seria de ti, se não fossem as aves e as flôres?!



UMA CARTA

Meu caro Luiz de Macedo.

A riquissima viagem que lhe devo, cedendo-me o seu lugar no auto, para ahi fica em estilo pobre. São mendigos farrapos de impressões; miseraveis telas, enodoadas de tinta, que nada exprimem; ninharias verbaes da minha sensibilidade.

Se as dei á imprensa, não me atrevi a pôr o seu nome na primeira pagina d'este livro. O que não presta, não se oferece, embora se publique... Sim, porque o nosso publico está habituado a cousas más, artistica, literaria e politicamente falando. Tem já o paladar estragado da jornalistica zorrapa que bebe todos os dias por dez reis e de outras zorrapas mais caras, em volume... Se lhe oferecerem velho Douro, faz uma risagem desconfiada, e não o bebe!...

Portanto, nada de remorsos! Passe a água-pé! Oferecer-lh'a, meu caro Luiz de Macedo, isso não.

Mas desejo exprimir-lhe, n'esta pagina final, o meu profundo reconhecimento. Devo-lhe cincoenta leguas de beleza, dentro de vinte horas do mais vivo prazer espiritual. Devo-lhe o rio Douro nocturno, Lamego, Montemuro, o Vouga, Vizeu e Grão Vasco, a ponte de Tabua, Arganil, a soledade do Mosteiro e a serra de Arouca á luz do luar.

A divida é enorme!

Esta nota final de gratidão doira, d'algum modo, a penuria literaria do livro, porque um bom sentimento, ainda que mal expresso, pode salvar a vida d'um homem, quanto mais a misera existencia d'um papel!

Seja a gratidão que lhe dedico, a recomendar « A Beira » ao meu leitor imaginario, e, por isso, quasi divino...

Amigo muito agradecido,

TEIXEIRA DE PASCOAES.

NOTAS E ERRATAS

Pag. 55 — *Alfaiate de Lamego*, —aquele que, depois do desastre de Alcacer-Kibir, fazia fatos a pagar quando D. Sebastião voltasse.

Sapateiro de Trancoso, é o célebre Bandarra, profeta sebastianista

Pag.	Onde se lê	Leia-se
16	ferida abeta	ferida aberta
24	chão desgosto	chão desgasto
25	parecem condensar	condensam
26	emquanto que	emquanto
26	mosrando a margem	mostrando a margem
34	que havia outras almas	outras almas
68	um lindo e jovem	lindo e jovem
68	um estantaneo	instantaneo
120	para aquele, cuja	para aqueles, cuja
127	que, entre nós não perdeu,	que em Portugal não perdeu
128	era um ser confuso	era um vulto confuso
138	primitiva, quasi fechada,	primitiva, fechada.



ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA « RENASCENÇA PORTUGUESA »,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 23 DE JUNHO DE 1916.



NB



EFG0000003486

